

OPHIUSSA

REVISTA DO CENTRO DE ARQUEOLOGIA DA UNIVERSIDADE DE LISBOA

ISSN 1645-653X
E-ISSN 2184-173X



OPHIUSSA

REVISTA DO CENTRO DE ARQUEOLOGIA DA UNIVERSIDADE DE LISBOA



OPHIUSSA REVISTA DO CENTRO DE ARQUEOLOGIA DA UNIVERSIDADE DE LISBOA

PUBLICAÇÃO ANUAL · ISSN 1645-653X · E-ISSN 2184-173X

Volume 6 - 2022

DIRECÇÃO E COORDENAÇÃO EDITORIAL

Ana Catarina Sousa

Elisa Sousa

CONSELHO CIENTÍFICO

André Teixeira

UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA

Carlos Fabião

UNIVERSIDADE DE LISBOA

Catarina Viegas

UNIVERSIDADE DE LISBOA

Gloria Mora

UNIVERSIDAD AUTÓNOMA DE MADRID

Grégor Marchand

CENTRE NATIONAL DE LA RECHERCHE SCIENTIFIQUE

João Pedro Bernardes

UNIVERSIDADE DO ALGARVE

José Remesal

UNIVERSIDADE DE BARCELONA

Leonor Rocha

UNIVERSIDADE DE ÉVORA

Manuela Martins

UNIVERSIDADE DO MINHO

Maria Barroso Gonçalves

INSTITUTO SUPERIOR DE CIÊNCIAS DO TRABALHO E DA EMPRESA

Mariana Diniz

UNIVERSIDADE DE LISBOA

Raquel Vilaça

UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Victor S. Gonçalves

UNIVERSIDADE DE LISBOA

Xavier Terradas Battle

CONSEJO SUPERIOR DE INVESTIGACIONES CIENTÍFICAS

SECRETARIADO

André Pereira

CAPA

Desdobramento da decoração do «ídolo» cilíndrico oculado da Herdade da Cariola. Desenho Guida Casella a partir de fotos VSG.

COORDENADOR DAS RECENSÕES E REVISOR DE ESTILO

Francisco B. Gomes

PAGINAÇÃO

TVM Designers

IMPRESSÃO

AGIR – Produções Gráficas

DATA DE IMPRESSÃO

Dezembro de 2022

EDIÇÃO IMPRESSA (PRETO E BRANCO)

300 exemplares

EDIÇÃO DIGITAL (A CORES)www.ophiussa.letras.ulisboa.pt

ISSN 1645-653X / E-ISSN 2184-173X

DEPÓSITO LEGAL 190404/03

A edição segue as directrizes Creative Commons (licença CC/BY/NC/ND 4.0).



Copyright ©Revista Ophiussa 2022

EDIÇÃO

UNIARQ – Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras de Lisboa 1600-214 Lisboa.

www.uniarq.netwww.ophiussa.letras.ulisboa.ptuniarq@letras.ulisboa.pt

Revista fundada por Victor S. Gonçalves (1996). O cumprimento do acordo ortográfico de 1990 foi opção de cada autor.

Esta publicação é financiada por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito dos projectos UIDB/00698/2020 e UIDP/00698/2020.

ÍNDICE

Pequenos sítios, objectos perdidos, artefactos sem contexto. 3. O «ídolo cilíndrico» de Ervidel (Herdade da Cariola) VICTOR S. GONÇALVES	5
<i>Heads & tails</i> : Bell Beakers and the cultural role of Montejunto Mountain (Portugal) during the second half of the 3 rd millennium BC ANA CATARINA BASÍLIO	23
O conjunto faunístico do Cerro dos Castelos de São Brás (Serpa, Portugal) no 3.º milénio a.n.e.: entre a <i>antroposfera</i> e a <i>zooesfera</i> FREDERICO AGOSTO	43
The materialization of an iconography: a LBA/EIA metallic representation of an “anchoriform” or “anchor idol” (?) from the Fraga dos Corvos habitat site (Eastern Trás-os-Montes, Portugal) JOÃO CARLOS SENNA-MARTINEZ, ELSA LUÍS, CARLOS MENDES, PEDRO VALÉRIO, MARIA DE FÁTIMA ARAÚJO, ANTÓNIO M. MONGE SOARES	69
A necrópole do Cerro do Ouro (Ourique): reflexões sobre os enterramentos em urna nas necrópoles tumulares do Baixo Alentejo FRANCISCO B. GOMES	85
O sítio arqueológico de Arruelas (Maiorca, Figueira da Foz, Portugal) no contexto da Conquista Romana do Ocidente Peninsular FLÁVIO IMPERIAL	105
A importação de ânforas do Tipo <i>Urceus</i> em Monte dos Castelinhos, Vila Franca de Xira JOÃO PIMENTA, HENRIQUE MENDES	127
<i>Traianeum</i> de <i>Italica</i> . Campaña arqueológica 2016/2017 SEBASTIÁN VARGAS-VÁZQUEZ	143
El asentamiento rural romano de la Venta El Parrao (Alcalá de Guadaíra, España): Nuevos datos arqueológicos LUIS-GETHSEMANÍ PÉREZ-AGUILAR, SALVADOR ORDÓÑEZ AGULLA	163
A ocupação romana da Lezíria (Castro Marim, Portugal) ANA MARGARIDA ARRUDA, MARGARIDA RODRIGUES	187
Os recursos animais no Noroeste da Lusitânia do período republicano à Antiguidade Tardia (Séculos II a.C. - VII d.C.): Uma perspectiva a partir das evidências zooarqueológicas do centro de Portugal PATRÍCIA ALEIXO, GIL VILARINHO	209
Recensões bibliográficas (TEXTOS: FREDERICO AGOSTO, ANA MARGARIDA ARRUDA)	231
<i>In memoriam</i>	243
Política editorial	246
Editorial policy	247

A necrópole do Cerro do Ouro (Ourique): reflexões sobre os enterramentos em urna nas necrópoles tumulares do Baixo Alentejo

The necropolis of Cerro do Ouro (Ourique): thoughts on the urn burials in the tumular necropoleis of the Lower Alentejo

FRANCISCO B. GOMES

UNIARQ – Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa;

Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

franciscojbgomes@gmail.com

ORCID iD: 0000-0003-0664-6374

RESUMO: Apesar de referida desde há muito na bibliografia sobre a Idade do Ferro no Sul de Portugal, em geral, e na região de Ourique em particular, pouco se sabe sobre a necrópole do Cerro do Ouro (Ourique). O estudo dos materiais procedentes deste conjunto funerário em depósito no Museu Nacional de Arqueologia permite confirmar a presença de um enterramento em urna com características particulares que remetem para uma influência de cunho meridional procedente do litoral, presença essa que permite repensar as dinâmicas culturais da difusão dos enterramentos em urna em torno a meados do I milénio a.n.e. e a sua posição na sequência crono-cultural das necrópoles tumulares da região de Ourique, no Baixo Alentejo.

PALAVRAS-CHAVE: Cerro do Ouro (Ourique); práticas funerárias; necrópoles tumulares; cremação em urna.

ABSTRACT: Despite having been mentioned for a long time in bibliography regarding the Iron Age of southern Portugal in general, and the Ourique area in particular, little is known about the necropolis of Cerro do Ouro (Ourique). The study of the material from this site deposited in the Museu Nacional de Arqueologia confirms the presence in this funerary site of an urn burial with peculiar characteristics which point towards a southern influence hailing from the coastal areas. This burial allows a reassessment of the cultural dynamics underlying the diffusion of urn burials around the mid-1st millennium B.C.E. and their position in the chrono-cultural sequence of the tumular necropoleis of the Ourique region of Lower Alentejo.

KEY WORDS: Cerro do Ouro (Ourique); funerary practices; tumular necropoleis; urn burials.

1. OS ENTERRAMENTOS EM URNA NAS NECRÓPOLES TUMULARES DO BAIXO ALENTEJO: UMA BREVE INTRODUÇÃO HISTORIOGRÁFICA

A importância dos trabalhos desenvolvidos a partir do final da década de 1960 por C. de Mello Beirão e seus colaboradores na região em torno a Ourique é sobejamente conhecida. Tendo como objectivo central caracterizar o contexto histórico e arqueológico da Escrita do Sudoeste, o ambicioso programa de investigação liderado por aquele investigador saldou-se com efeito na produção de um importante volume de dados (Dias – Beirão – Coelho 1970; Beirão – Gomes – Monteiro 1979; Beirão – Gomes 1980; 1983; Dias – Coelho 1983; Beirão 1986; 1990; Correia 1993; Beirão – Correia 1994) que permitiu pela primeira vez discutir com bases sólidas o desenvolvimento histórico das comunidades locais durante as etapas iniciais da Idade do Ferro.

Entre os principais contributos destes trabalhos conta-se a definição e investigação da conhecida fácies funerária desta área, caracterizada pelas suas distintivas arquitecturas tumulares adossadas que formam paisagens funerárias muito características e com uma identidade própria muito marcada (Beirão 1986; Correia 1993; Arruda 2001). No entanto, e apesar de a atenção da equipa liderada por C. de Mello Beirão ter incidido especialmente nessas estruturas monumentais e nas sepulturas que albergavam, os trabalhos desenvolvidos em várias destas necrópoles permitiram igualmente identificar um número significativo de enterramentos em urna que foram devidamente individualizados no panorama funerário local (Dias – Coelho 1971; Beirão 1986: 49; Silva – Gomes 1992: 151-152 e 176-177; Correia 1993: 360; Beirão – Correia 1994; cf. tb. *infra*).

A posição destes enterramentos nas paisagens funerárias regionais levou C. de Mello Beirão a interpretá-los como uma realidade essencialmente intrusiva (Beirão 1986: 49-50), relacionando-os com a chegada à região de novas populações com uma matriz cultural diferenciada. Estes enterramentos converteram-se assim numa das bases do modelo histórico bipartido propugnado por aquele investigador e pelos seus colaboradores, em que a uma I Idade do Ferro com fortes vínculos ao mundo meridional e ao Mediterrâneo sucederia uma II Idade do Ferro com características

continentais e celtizantes (Beirão – Gomes – Monteiro 1979; Beirão – Gomes 1980; Beirão 1986: 27-29).

Ainda assim, e apesar da relativa centralidade da questão dos enterramentos em urna na argumentação que suportava este modelo, não pode deixar de se assinalar que no próprio quadro deste amplo programa de investigação se foram recolhendo dados que destoavam desta leitura, mas que mereceram sempre uma atenção reduzida. A este nível, o enterramento em urna do Cerro do Ouro (Ourique), que adiante se tratará em detalhe, parece ter sido um dos elementos mais dissonantes, tendo sido considerado pelo próprio C. de Mello Beirão como um caso particular e diferenciado (Beirão 1986: 49-50; v. tb. *infra*).

Apesar de o referido modelo histórico bipartido ter sido objecto de sérias críticas (Arruda – Guerra – Fabião 1995; Fabião 1998: 336-402; cf. tb. *infra*), tendo sido matizado pelo próprio C. de Mello Beirão (Beirão – Correia 1994), os dados sobre estes enterramentos em urna da região de Ourique que haviam servido de base ao mesmo permaneceram escassos, impedindo uma reapreciação global do seu contexto e da sua posição na sequência cultural regional. O presente contributo visa precisamente oferecer novos dados para essa discussão, apresentando o estudo de um conjunto de materiais procedentes do Cerro do Ouro actualmente em depósito no Museu Nacional de Arqueologia (MNA) cujas características permitem reflectir sobre as dinâmicas culturais da introdução da prática do enterramento em urna nesta área.

2. A NECRÓPOLE DO CERRO DO OURO (OURIQUE): LOCALIZAÇÃO, DESCOBERTA E TRABALHOS ANTERIORES

Situada no centro de um planalto relativamente dominante no contexto da orografia regional, a cerca de 240m de altitude, a necrópole do Cerro do Ouro (Fig. 1) situa-se nas imediações do povoado homónimo, do qual dista apenas 300m, e da necrópole do Monte do Poço (Arruda 2001: 249; Vilhena 2006: 82), integrando-se portanto no núcleo de Palheiros definido por A. M. Arruda (2001).

Sobre o povoado correspondente nada se sabe, ainda que se tenha constatado que o mesmo foi objecto de escavações das quais não se conhece

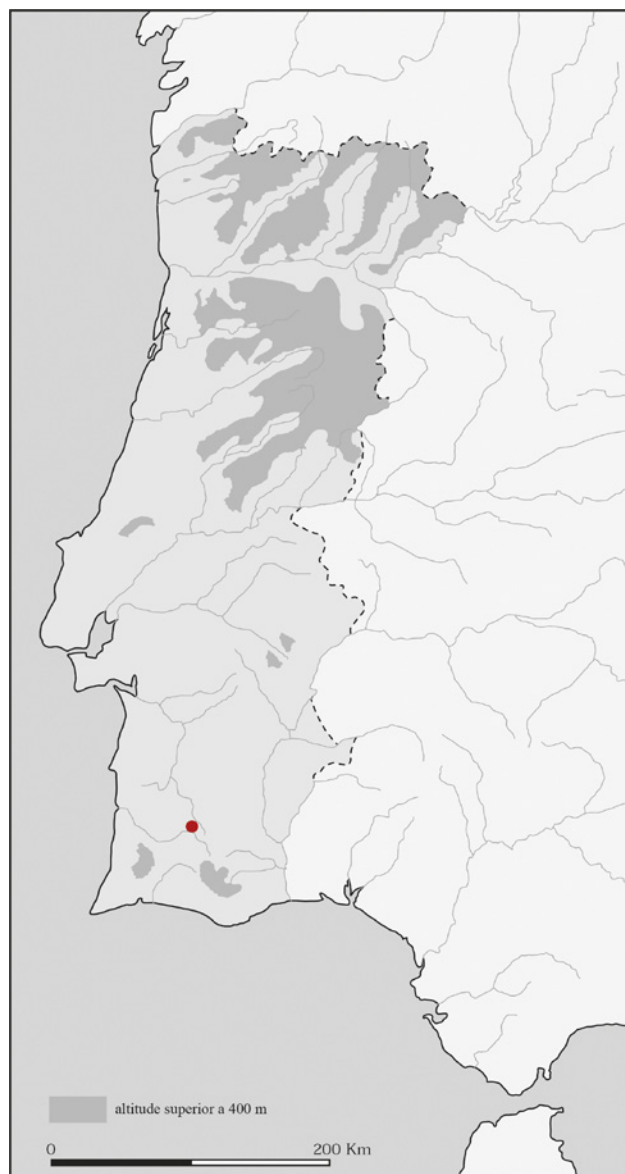


FIG. 1 Localização da necrópole do Cerro do Ouro (Ourique). Base cartográfica: Victor S. Gonçalves.

qualquer notícia (Vilhena 2006: 82). Ainda assim, J. Vilhena assinala que nos inícios do século XXI se observava ainda no terreno o edifício de planta ortogonal posto a descoberto por esta intervenção, composto por pequenos compartimentos de planta quadrangular distribuídos em torno de um pátio de maiores dimensões (Vilhena 2006: 82). Posteriormente, o sítio parece ter-se deteriorado significativamente, reportando o mesmo autor pouco tempo mais tarde que o mesmo se encontrava já arrasado (Vilhena 2008: 386).

A necrópole, por seu turno, foi identificada por C. de Mello Beirão nalgum momento indeterminado dos anos 1970, tendo ao que tudo indica sido decapada, mas não escavada (Beirão – Gomes 1984: 440-442), embora outros autores refiram a existência de uma

sepultura de incineração em fossa alongada que teria efectivamente sido objecto de escavação (Arruda 2001: 249). Em todo o caso, no decurso dos trabalhos de limpeza e reconhecimento foi possível identificar e recolher uma urna contendo os restos de uma cremação e alguns objectos do respectivo espólio, conjunto a que, pelo seu interesse, se dedicará especial atenção neste trabalho. Como adiante se verá, foram igualmente recolhidos outros objectos durante estes trabalhos, cuja associação a esta cremação em urna ou a qualquer outra sepultura não pode contudo confirmar-se.

Contrariamente ao ocorrido com outros conjuntos funerários estudados por C. de Mello Beirão e pelos seus colaboradores e que mereceram publicação detalhada (Dias – Beirão – Coelho 1970; Beirão 1986; 1990; Correia 1993), a necrópole do Cerro do Ouro nunca foi objecto de uma apresentação pormenorizada, tendo apenas sido referida de forma mais ou menos breve em trabalhos de âmbito mais geral (Beirão – Gomes 1980: 26-27; Beirão – Gomes 1983: 242; 1984: 436 e 440-444). Não se conhece, nomeadamente, qualquer planta publicada das estruturas funerárias postas a descoberto durante os trabalhos antes mencionados.

Destas breves notas publicadas, a mais extensa encontra-se num trabalho dedicado por C. de Mello Beirão e M. Varela Gomes à coroplastia da Idade do Ferro do Sul de Portugal, na qual dão a conhecer uma terracota procedente do Cerro do Ouro (Beirão – Gomes 1984: 436; v. *infra*). Neste trabalho, e como forma de contextualizar a referida terracota, apresentam igualmente alguns detalhes sobre o referido enterramento em urna, bem como sobre outros elementos documentados e recolhidos na necrópole (Beirão – Gomes 1984: 440-442).

Posteriormente, na sua monografia sobre a *Civilisation protohistorique du sud du Portugal*, C. de Mello Beirão teceria também algumas considerações adicionais sobre este enterramento em urna, que considerava distinto das restantes deposições deste tipo por si identificadas (Beirão 1986: 49-50), sem contudo se deter na discussão dos possíveis significados dessa diferenciação.

Como já foi referido, os responsáveis pela documentação desta necrópole não oferecem em nenhum dos seus contributos uma descrição detalhada da paisagem funerária que ali terão posto a descoberto,

indicando apenas sucintamente que a necrópole «...é constituída por um núcleo tumular da Idade do Ferro e por enterramentos em urna periféricos, de época posterior...» (Beirão – Gomes 1984: 442). Contudo, em trabalho mais recente, A. M. Arruda (2001: 249) oferece alguns detalhes adicionais, assinalando nomeadamente a presença de um grande monumento circular com sensivelmente 2,45m de raio, pertencente à Fase I da sequência estabelecida por V. H. Correia (Correia 1993: 360), ao qual se adossaria um conjunto de monumentos tumulares quadrangulares dotados de câmara sepulcral, pertencentes por tanto à Fase II daquele investigador (Correia 1993: 360), delimitados ao que parece por um muro envolvente.

A mesma autora refere ainda a existência e escavação da já mencionada sepultura de incineração em fossa alongada, situada a Sul do conjunto tumular antes mencionado (Arruda 2001: 249). Com os parcos dados disponíveis, a relação entre esta incineração e o enterramento em urna referenciado pelos responsáveis da intervenção no sítio não é de todo perceptível, parecendo contudo claro que este último se deve *a priori* enquadrar na Fase IV de V. H. Correia (1993: 360). A necrópole do Cerro do Ouro poderia assim corresponder a um exemplo de necrópole de larga diacronia, na qual estariam representadas praticamente todas as fases da arquitectura tumular estabelecidas por aquele investigador, podendo pensar-se que a ausência de referências a monumentos da Fase III resulta sobretudo da falta de documentação fiável.

Os materiais recolhidos durante esta intervenção, e nomeadamente os que correspondem ao enterramento em urna e aos respectivos conteúdos, foram (parcialmente) listados pelos seus responsáveis (esp. Beirão – Gomes 1984: 436, 440-442; v. tb. Beirão – Gomes 1980: 26-27; 1983: 242; Beirão 1986: 49-50; Calado – Gomes 2004: 181), mas, com excepção da terracota anteriormente referida (Beirão – Gomes 1984: 436), nunca foram objecto de publicação detalhada. Contudo, parte desses materiais encontra-se actualmente em depósito no Museu Nacional de Arqueologia (MNA) – onde a maioria dos elementos recolhidos no Cerro do Ouro chegou a estar exposta no início da década de 1980 no contexto da exposição *A Idade do Ferro no Sul de Portugal: Epigrafia e Cultura* (Beirão – Gomes 1980: 26-27) –, tendo sido possível realizar o estudo dos mesmos, que se apresenta nas páginas seguintes.

3. OS MATERIAIS DO CERRO DO OURO EM DEPÓSITO NO MUSEU NACIONAL DE ARQUEOLOGIA

3.1. O enterramento em urna

Entre os materiais do Cerro do Ouro actualmente depositados no MNA, o núcleo mais significativo corresponde ao espólio associado ao enterramento em urna anteriormente mencionado. Como ficou dito acima, este conjunto foi já descrito em termos gerais por C. de Mello Beirão e M. Varela Gomes, valendo a pena reter neste contexto os elementos de juízo oferecidos pelos seus descobridores relativamente às suas condições de achado.

Assim, os referidos autores assinalam que durante os trabalhos realizados no Cerro do Ouro se teria recolhido «... parte de uma urna com os restos da incineração de uma criança, onde se encontrava um *nazm* de prata e vinte contas, treze esféricas e uma tubular de pasta vítrea de cor negra, oculadas a branco; seis de pasta vítrea translúcida sendo quatro de cor castanha e duas de cor verde; uma conta bitroncocónica de pedra (mármore?) de cor cinzenta» (Beirão – Gomes 1984: 442). C. de Mello Beirão especificaria posteriormente que a urna continha um dente decíduo, elemento que permitiu interpretar os restos cremados nela contidos como pertencentes a um indivíduo infantil, com uma idade em torno aos 12 anos (Beirão 1986: 49-50).

A associação de um enterramento em urna com elementos próprios do comércio mediterrâneo, como as contas de vidro antes citadas, parece ter causado alguma estranheza aos descobridores destes materiais. Com efeito, e num primeiro momento, considerou-se que os materiais contidos nesta urna – ou pelo menos as contas de vidro – corresponderiam a elementos reutilizados, putativamente obtidos por via da violação de sepulturas mais antigas (Beirão – Gomes 1984: 442). Posteriormente, contudo, C. de Mello Beirão parece ter revisto esta posição, assumindo que este espólio “arcaizante”, na sua terminologia, poderia indicar uma maior antiguidade deste enterramento em urna face aos outros exemplos de deposições deste tipo por si identificados (Beirão 1986: 49-50). As características do contentor cinerário, contudo, nunca foram objecto de descrição ou valorização.

No entanto, esta urna (Fig. 2, n.º 1; Fig. 3), actualmente depositada no MNA, apresenta características

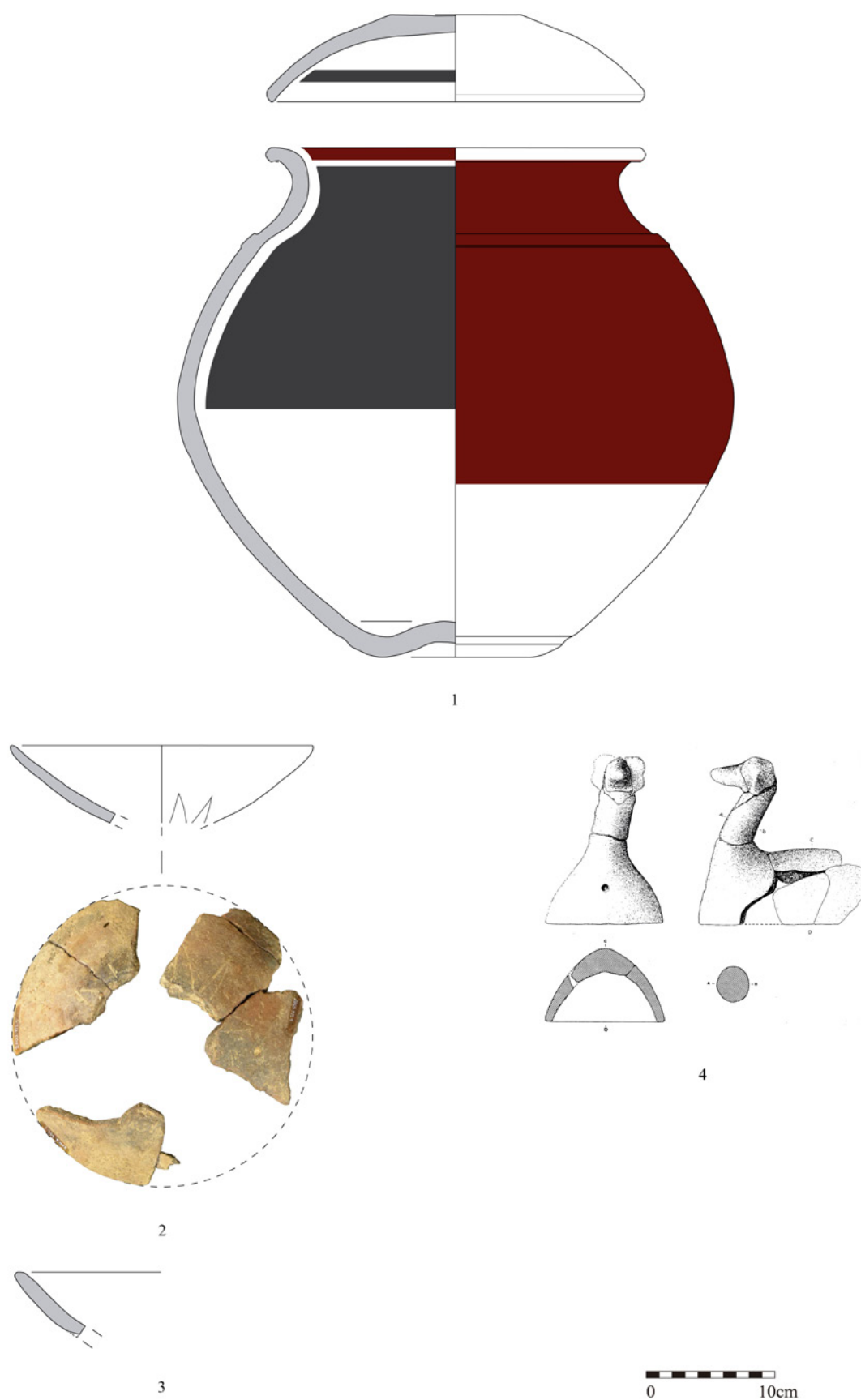


FIG. 2 Materiais cerâmicos da necrópole do Cerro do Ouro: 1, urna e tampa – cerâmica pintada (des. do autor); 2-3, pratos, cerâmica manual (des. do autor); 4, terracota (seg. Beirão – Gomes 1984).



FIG. 3 Urna da necrópole do Cerro do Ouro (foto do autor).

muito interessantes que merecem uma análise detalhada neste contexto. Desde logo, caberia destacar o facto de corresponder a uma produção a torno, pintada, de boa qualidade, que se destaca num ambiente cultural onde a cerâmica manual havia permanecido claramente dominante durante a I Idade do Ferro (Beirão 1986; Arruda 2001).

Este recipiente apresenta com efeito uma pasta fina e bem depurada, aparentemente não calcária, com escassos elementos não-plásticos, de pequenas dimensões, incluindo areias quartzíticas, micas brancas e algumas raras plagioclases de maiores dimensões. Esta peça foi objecto de uma cozedura oxidante, resultando em superfícies de coloração cor-de-laranja amarelada clara.

Do ponto de vista morfológico, esta peça apresenta um bordo facetado, extroverso, e um colo côncavo relativamente desenvolvido e separado do bojo por uma moldura saliente (*"baquetón"*). O corpo desta urna apresenta uma configuração *grosso modo* globular, embora denote uma certa tendência para a diferenciação das partes superior e inferior, sem que contudo se chegue a produzir uma descontinuidade acentuada que permita classificá-la como bitroncocónica. Este recipiente conta ainda com um fundo côncavo, separado do bojo por uma ranhura relativamente larga e pouco profunda, mas que não apresenta qualquer outro tipo de sinalização ou desenvolvimento.

Do ponto de vista decorativo, a peça apresenta pintura a negro, muito degradada mas aparentemente contínua, na parte interior do colo e da porção superior do bojo. Pelo contrário, a porção interna e externa do bordo bem como a parte externa do colo e a parte superior do bojo apresentam pintura a vermelho, de boa qualidade, espessa, lustrosa e polida.

Tipologicamente, este recipiente do Cerro do Ouro enquadra-se sem qualquer dificuldade numa série de urnas muito características da II Idade do Ferro da Baixa Andaluzia, isto é, da área dita turdetana, que se encontram igualmente representadas noutras regiões que mantiveram com aquele território estreitas relações durante esse período. Além da morfologia em geral e da técnica decorativa, a presença da característica moldura saliente antes referida, conhecida na bibliografia espanhola como *"baquetón"*, permite integrar esta peça na vasta família das urnas *"con baquetón"* (Ferrer Albelda – García Fernández 2008: 211).

Pela sua morfologia global, a peça do Cerro do Ouro poderia integrar-se no Subtipo XVIII-A definido por J. L. Escacena Carrasco para a cerâmica pintada da II Idade do Ferro andaluzia (Escacena Carrasco 1985: 582-588), embora a presença da moldura antes citada a aproxime preferencialmente da Forma XX do mesmo autor (Escacena Carrasco 1985: 610-622), podendo pensar-se que se trata de uma peça tipologicamente situada entre uma e outra forma. Em contrapartida, a urna que aqui nos ocupa pode integrar-se sem dificuldade na Variante 6-C-1 da tipologia estabelecida por J. Pereira Sieso para as mesmas produções pintadas andaluzas (Pereira Sieso 1988: 157 e Fig. 9, n.º 10-11).

Segundo este último autor, as urnas *"con baquetón"* surgem nas sequências cerâmicas da Baixa Andaluzia ainda durante o século V a.n.e., tal como atesta a sua presença em estratos desta cronologia do Cerro Macareno (La Rinconada) (Pellicer Catalán – Escacena Carrasco – Bendala Galán 1983: Fig. 53) e de Carmona (Mata Carriazo – Raddatz 1960), perdurando nas centúrias seguintes, como se pode apreciar, entre outros sítios, na sequência *"turdetana"* de Écija (Rodríguez González 2014: 183 e ss.). Estas peças parecem por outro lado perdurar até pelo menos ao final do século III ou mesmo aos inícios do II a.n.e., como atestam os contextos de achado dos exemplares de Alhonor (Écija) (López Palomo 1981: Fig. 49) e de Pajar de Artillo (Santiponce) (Luzón Nogué 1973: 72).

As urnas de tipologia “turdetana” em geral, e do tipo “*con baquetón*” em particular, não são tão-pouco desconhecidas no actual território português, sobretudo em contextos litorais, avultando no panorama nacional o expressivo conjunto de recipientes utilizados como recipientes funerários durante a Fase II da necrópole do Olival do Senhor dos Mártires (Alcácer do Sal) (Gomes 2018a; 2021a). Também na infelizmente mal conhecida necrópole do Galeado (Vila Nova de Milfontes) se recolheu uma urna que, apesar da ausência de “*baquetón*”, se integra de forma clara nesta linha de contentores cinerários de inspiração meridional (Beirão – Gomes 1983: 221-222). Finalmente, e em contexto não funerário, as urnas “*con baquetón*” estão também bem documentadas nos horizontes da II Idade do Ferro do Castelo de Castro Marim (Gomes – Arruda 2013: 48).

Por outro lado, as urnas do tipo em apreço estão também presentes em contextos interiores, nomeadamente na necrópole da Herdade da Chaminé (Elvas), onde se conhecem pelo menos dois exemplares muito similares ao do Cerro do Ouro que aqui nos ocupa (Nolen 1985: 165-170), e na da Herdade das Casas (Redondo), onde se exumou também pelo menos uma urna “*con baquetón*” (Mataloto – Williams – Roque 2014: Fig. 3). A presença no Alentejo Central de urnas de tipo “turdetano” deve por outro lado relacionar-se com a presença de abundantes recipientes desse tipo em necrópoles da área *extremeña*, nomeadamente nas necrópoles de El Jardal (Badajoz) (Jiménez Ávila 2015), El Mercadillo (Cáceres) (Hernández Hernández – Galán Domingo 1996) ou mesmo no conjunto mais tardio de El Peñascón – Hornachuelos (Badajoz) (Rodríguez Díaz – Jiménez Ávila 1987-1988).

Por outro lado, e em contexto não funerário, não pode deixar de se assinalar a existência no depósito votivo de Garvão (Ourique) de recipientes que, apesar da ausência de “*baquetones*”, são passíveis de integração na família tipológica (e decorativa) das urnas de tipo “turdetano” (Beirão *et al.* 1985: Figs. 19 e 21).

Em face do anteriormente exposto, pode afirmar-se que este diverso grupo de urnas se distribui por um período cronológico centrado entre o século V e o final do III a.n.e., pelo menos. Algumas características morfológicas do exemplar do Cerro do Ouro permitem contudo pensar que o mesmo se enquadra numa fase precoce dessa sequência: a morfologia genericamente globular do bojo, onde se aprecia apenas uma ligeira

tendência para o achatamento e o aparecimento de uma quebra intermédia, o aspecto indiferenciado do pé e, sobretudo, a presença de pintura bícroma parecem com efeito indiciar a relativa antiguidade desta peça, que poderia tentativamente datar-se do século V ou, quando muito, dos inícios do IV a.n.e..

Nas colecções do MNA preserva-se igualmente um prato/ tigela produzido a torno com decoração pintada (Fig. 2, n.º 1) que, pelo seu fabrico, pelas suas dimensões e até pela sua gramática decorativa, poderia corresponder à tampa do recipiente cinerário antes descrito. Esta peça apresenta um fabrico semelhante ao da urna já analisada, embora com maior presença de quartzo/ areias quartzíticas de médias dimensões. Do ponto de vista formal, este recipiente apresenta uma morfologia geral em calote de esfera, com um bordo biselado e um fundo plano, não assinalado. Quanto à decoração, este prato/ tigela apresenta uma única banda pintada a negro na superfície interna, sensivelmente a meia altura da peça.

Este tipo de pratos/ tigelas, muito bem representado nos repertórios da área da Baixa Andaluzia (v., p. ex., Escacena Carrasco 1985: Forma 1; Pereira Sieso 1988: variante 16-C-1; Ferrer Albelda – García Fernández 2008: 208), é também extremamente comum nos repertórios dos sítios costeiros portugueses da segunda metade do I milénio a.n.e. (Sousa 2009; 2014; Gomes – Arruda 2013: 26-30), nos quais ocorrem tanto exemplares pintados como sem pintura, bem como nalguns sítios do Vale do Guadiana (Mataloto 2004: Est. XVII; Antunes 2010: 176-178; Soares 2012: Fig. 25), parecendo ocioso enunciar todos os paralelos possíveis para esta peça do Cerro do Ouro.

Pelo contrário, deve notar-se a escassez deste tipo de peças nos conjuntos sidéricos da região de Ourique onde, como já se disse, predomina a cerâmica manual; ainda assim, a peça do Cerro do Ouro pode cotejar-se com um prato/ tigela igualmente dotado de decoração pintada, neste caso a vermelho, procedente da Sepultura 2 do Sector B da necrópole da Chada (Ourique) (Beirão 1986: Fig. 30), ou com um prato/ tigela da Sepultura IV da necrópole da Herdade do Pêgo (Ourique) (Dias – Beirão – Coelho 1970: 211). As peças deste tipo aparecem no entanto com relativa frequência em contextos integráveis na II Idade do Ferro do interior alentejano, nomeadamente na Rua do Sembrano, em Beja (Grilo 2006: 46-49), nas Mesas do Castelinho

(Almodôvar) (Estrela 2010: 51), e no depósito votivo de Garvão (Beirão *et al.* 1985: Figs. 19, 36 e 37).

Embora esta forma tenha uma larga perduração, o que não lhe confere um particular valor cronológico, o exemplar em apreço apresenta detalhes morfológicos muito simples, estando ausentes nomeadamente os pés de anel que caracterizam algumas das produções mais tardias (García Fernández – Sáez Romero 2014: 111-114) (v., p. ex., as tampas das urnas de El Jardal [Jiménez Ávila 2015: 387-389 e Fig. 7] ou alguns dos exemplares de Mesas do Castelinho [Estrela 2010: Est. 5]). Embora a ausência de um pé de anel não exclua em si mesma uma cronologia avançada (García Fernández – Sáez Romero 2014: 114), este detalhe poderia uma vez mais sugerir que esta peça se enquadra numa cronologia comparativamente precoce, possivelmente do século V a.n.e., compatível portanto com o aspecto antigo da urna antes descrita.

Os restantes materiais que podem associar-se de forma clara a este enterramento em urna correspondem na sua totalidade a elementos de adorno, especificamente, como já foi referido, a um *nazm* de prata e a um conjunto relativamente nutrido de contas de colar de vidro e, num caso, de pedra (Beirão – Gomes 1984: 442).

O primeiro destes elementos (Fig. 4, n.º 1) encontra-se actualmente integrado nas colecções do MNA, embora num estado muito fragmentário que dificulta a restituição do seu aspecto original. Os brincos (ou argolas para o nariz) de tipo *nazm* (Quillard 1987: 157-158) caracterizam-se pela sua relativa simplicidade formal, compondo-se de um arame relativamente fino, normalmente de ouro mas, no caso vertente, de prata, mais espesso na porção média e mais estirado nas extremidades, a partir do qual se configura um pequeno aro circular (c. 2,5 cm de diâmetro na peça em apreço), enrolando-se por sua vez as extremidades em torno do próprio aro, formando pequenas espirais com um número variável de voltas (neste caso, esse número é infelizmente impossível de determinar), que correspondem ao mecanismo de fecho.

As peças deste tipo, cuja origem se deve buscar num ambiente cultural púnico, correspondem ao Tipo D1 estabelecido por B. Quillard para a ourivesaria de Cartago (Quillard 1987: 146-148). A ocorrência de *nazem* em contextos púnicos peninsulares encontra-se também bem documentada, tendo estas peças

sido recolhidas no Grupo 8, variante A de A. Perea (1991: 295). Exemplares integráveis neste grupo foram com efeito exumados em Cádiz (Almagro-Gorbea 1986: n.º 7-8, 15), Villaricos (Almería) (Perea 1991: n.º 107 e ss.; Almagro-Gorbea – Lorrio 2015: 77-78) e Ibiza (Perea 1991: n.º 192 e ss.), bem como noutros sítios de matriz “orientalizante”, como La Angorrilla (Alcalá del Río) (de la Bandera – Ferrer 2014: Fig. 9) e Medellín (Badajoz) (Almagro-Gorbea 2008: 371-373), ou pertencentes já ao âmbito ibérico (Nicolini 1991).

Estas peças não são igualmente desconhecidas no actual território nacional, havendo a assinalar o conjunto relativamente nutrido procedente da necrópole do Olival do Senhor dos Mártires (Gomes 2021a: 221 e Est. LVI), a peça exumada na necrópole do Galeado (Beirão – Gomes 1983: 226 e Fig. 14, n.º 3) ou ainda um exemplar mais recentemente documentado na necrópole da Vinha das Calças 4 (Beja) (Arruda *et al.* 2017: Fig. 15), todos de ouro. A nível regional, a produção deste tipo de arrecadas em prata parece ser contudo uma especificidade do Cerro do Ouro, embora a existência de peças análogas de prata em Cartago esteja também referenciada (Gauckler 1915, *apud* Quillard 1987: 146), ao passo que em Villaricos se documenta pelo menos um exemplar em prata dourada (Almagro Gorbea – Lorrio 2015: 78). Por outro lado, a situação da peça aqui analisada pode também comparar-se à de um exemplar da necrópole da Quinta do Estácio 6, executado também ele num material invulgar, neste caso em bronze (Pereiro – Mataloto – Borges 2017: Fig. 10, n.º 6).

Os paralelos antes aduzidos levantam contudo algumas dificuldades quanto à interpretação dos fragmentos conservados no MNA. Com efeito, se considerássemos que esta tipologia básica de *nazm* é a que se encontra efectivamente representada no Cerro do Ouro, seríamos obrigados a assumir que este enterramento em urna continha na verdade duas peças deste tipo e não uma única, como indicam os responsáveis da sua escavação.

No entanto, e apesar do seu mau estado de conservação, os fragmentos da necrópole alentejana permitem pensar que a peça ali exumada corresponde na verdade a um *nazm* duplo do Tipo D3 de B. Quillard (1987: 149) ou do Grupo 8, variante G de A. Perea (1991: 295), tipo bastante menos comum mas ainda assim bem conhecido nos repertórios da joalheria peninsular,

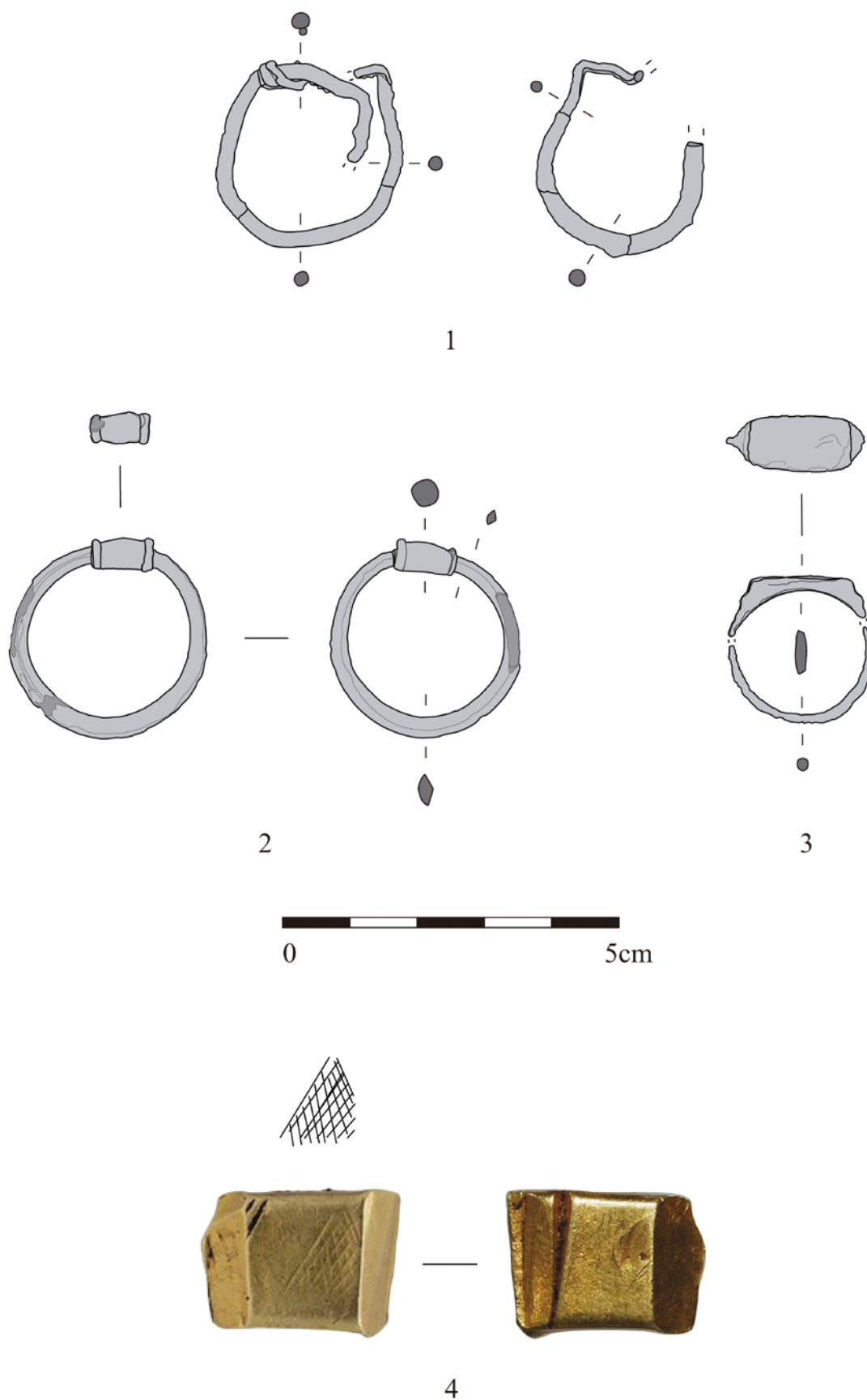


FIG.4 Materiais metálicos da necrópole do Cerro do Ouro; 1, *nazm* – prata (des. autor); 2-3, anéis – bronze (des. autor); 4, fragmento de lingote? – ouro (fonte: matriznet.dgpc.pt, fotos de Luísa Oliveira e David Martins, adaptadas).

nomeadamente em Cádiz, Villaricos, El Molar (Alicante) e Cabezo Lucero (Alicante) (Nicolini 1991: Pl. 44 e Pl. 45; v. tb Almagro-Gorbea – Lorrio 2015: 77-78). A origem destas peças num atelier gaditano foi já, de resto, defendida, e explicaria a sua abundante presença também em contextos púnicos do Mediterrâneo Central, para onde, nesta perspectiva, seriam exportadas a partir de Cádiz (Nicolini 1991: 294).

Do ponto de vista cronológico, B. Quillard considera que as arrecadas do seu tipo D1 surgem pela primeira vez em Cartago nos anos finais do século VI a.n.e., perdurando até à destruição da cidade no final da III Guerra Púnica (Quillard 1987: Tableau Recapitulatif IX). Os materiais peninsulares, pelo contrário, parecem sugerir uma origem mais antiga: o exemplar de La Angorrilla, por exemplo, foi datado pelo seu contexto do final do século VII ou inícios do VI a.n.e. (de la Bandera – Ferrer 2014: Fig. 9), enquanto o da Vinha das Caliças se situa com toda a probabilidade na segunda metade desta última centúria (Arruda *et al.* 2017).

Outros exemplares, contudo, como o de Medellín (Almagro-Gorbea 2008: 371-373) ou parte do conjunto de Alcácer do Sal (Gomes 2021a: 221 e Est. LVI), parecem referendar uma cronologia centrada entre os finais do século VI e, sobretudo, o V a.n.e., não havendo provas expressivas da perduração deste tipo de brincos no Extremo Ocidente Peninsular para lá do final daquela centúria ou, no máximo, dos inícios da seguinte.

Quanto às peças duplas, e embora B. Quillard date este tipo de arrecadas essencialmente dos séculos IV e III a.n.e. (Quillard 1987: Tableau Recapitulatif IX), G. Nicolini sugere que a sua produção terá tido início ainda no século V a.n.e., perdurando efectivamente ao longo da centúria seguinte (Nicolini 1991: 293-294).

Ao contrário desta peça de joalheria, as contas de colar de vidro e de pedra referenciadas pelos responsáveis da escavação no Cerro do Ouro não se encontram actualmente depositadas no MNA, a menos que correspondam, no todo ou em parte, a um conjunto de pequenos fragmentos de vidro, muito deteriorados e de difícil restituição, que efectivamente integra as colecções daquele museu, o que não parece provável.

Assim, para a discussão destes elementos contamos apenas com a descrição oferecida por C. de Mello Beirão e M. Varela Gomes, que contabilizam, como já vimos, um total de 20 contas de vidro, das quais 13

esféricas e uma tubular, todas de coloração negra com decoração oculada a branco. A esmagadora maioria dos diminutos fragmentos que integram as colecções do MNA pertencem também a peças deste tipo, distinguindo-se, apesar do mau estado de conservação, peças de grande e de média dimensão.

Este tipo de contas – sobretudo as de morfologia esférica – são frequentes nos conjuntos da Idade do Ferro do Sul de Portugal (Gomes 2021b), e em particular nos da região de Ourique, destacando-se claramente o conjunto da necrópole da Fonte Santa (Ourique) (Beirão 1986: 71; Gomes 2021b: Fig. 4), a que podem ainda somar-se outros exemplos das necrópoles da Mealha Nova (Ourique) (Dias – Beirão – Coelho 1970: 218), de Fernão Vaz (Ourique) (Beirão 1986: 71) e da Chada (Beirão 1986: 89). Sem pretensões de exaustividade, outros paralelos possíveis podem ainda encontrar-se nas necrópoles da Fonte Velha de Bensafrim (Lagos) (Gomes 2020: 99-101) e da Corte de Père Jacques (Aljezur) (Gomes 2021c).

Como já houve oportunidade de comentar, a presença destas peças no enterramento em urna do Cerro do Ouro parece ter provocado alguma perplexidade aos seus descobridores, o que não é de estranhar na medida em que C. de Mello Beirão considerava as contas negras oculadas a branco como as mais antigas dentro do universo tipológico das contas de vidro por si exumadas nas várias necrópoles que interveio, atribuindo-lhes uma cronologia centrada no século VI a.n.e. (Beirão 1986: 89). Tal facto levou a que os exemplares do sítio em apreço fossem considerados, num primeiro momento, como elementos reutilizados (Beirão – Gomes 1984: 442), interpretação que, como se viu, foi posteriormente matizada (Beirão 1986: 49-50).

Apesar de esta proposta de datação permanecer válida para muitos dos exemplares de contas deste tipo escavados por Caetano de Mello Beirão, os seus trabalhos posteriores na necrópole do Pardieiro (Odemira) permitiram identificar um conjunto de contas do tipo que aqui nos ocupa numa sepultura periférica daquela necrópole, o Túmulo 4 (Beirão 1990: 111), que pela sua posição e tipologia poderia corresponder já a um momento enquadrável no século V a.n.e., confirmando assim a maior longevidade destes elementos de adorno.

Quanto aos restantes exemplares, a ausência de indicações sobre a sua morfologia concreta dificulta a

sua correcta identificação e comparação com outros elementos documentados nas necrópoles da região, e do Sul de Portugal em geral. Pode ainda assim referir-se a presença, entre os fragmentos preservados no MNA, de restos de contas esféricas monocromas cor de mel, provavelmente análogas às contas “castanhas” referenciadas por C. de Mello Beirão e M. Varela Gomes, e de um fragmento diminuto (c. 2mm) de uma conta azul-turquesa de morfologia infelizmente impossível de determinar, possivelmente correspondente às contas verdes mencionadas por aqueles mesmos investigadores (Beirão – Gomes 1984: 442).

Embora pouco valorizada na literatura, a presença de contas de vidro cor de mel não é de todo desconhecida na I Idade do Ferro do Sul de Portugal, estando nomeadamente bem documentadas no conjunto da Fonte Santa (contas tubulares, contas sub-esféricas com superfícies enrugadas) (Beirão 1986: 71; materiais depositados no MNA), na da Fonte Velha de Bensafrim (contas tubulares, conta esférica achatada/discoide, conta sub-esférica com superfícies enrugadas) (Gomes 2020) e na da Vinha das Caliças 4 (conta cónica?) (Costa *et al.* 2019: Table 1, n.º 2). As contas azul-turquesa, em contrapartida, são quase omnipresentes nos conjuntos da I Idade do Ferro regional, em particular sob a forma de contas esféricas ou anelares com decoração oculada a branco e azul ultramarino (cf. Gomes 2020: 96-99).

Mais difícil de enquadrar é a única conta de colar lítica referenciada pelos responsáveis da intervenção no Cerro do Ouro. Segundo estes autores, corresponderia a uma peça bitroncocónica de coloração cinzenta, possivelmente de mármore (Beirão – Gomes 1984: 442), embora em trabalho posterior se indique que esta conta seria branca, e possivelmente de riolite (Calado – Gomes 2004: 181).

A presença de contas de colar líticas nos repertórios da Idade do Ferro do Sul de Portugal não é demasiado frequente, predominando nos casos em que a mesma está documentada o uso da cornalina (Gomes 2018b). Ainda assim, caberia destacar a presença de um conjunto significativo de contas de riolite na necrópole da II Idade do Ferro da Quinta da Queimada (Lagos), embora neste caso as peças apresentem uma morfologia discoide a cilíndrica (Calado – Gomes 2004: 176). No sítio das Mesas do Castelinho recuperou-se igualmente uma conta discoide, aparentemente de

quartzo, num contexto datado da segunda metade do século IV a.n.e. (Estrela 2019: 245 e Fig. 9D).

Embora não sejam particularmente homogéneos do ponto de vista do seu enquadramento cronológico, os elementos de cultura material que podem com segurança associar-se ao enterramento em urna que vimos discutindo permitem propor que o mesmo terá tido lugar durante o século V a.n.e., muito possivelmente em torno a meados daquela centúria.

Os rasgos morfológicos e decorativos da urna e, em menor medida, da sua tampa, os paralelos aduzidos para o *nazm*, mas também, até certo ponto, para as contas de vidro que continha permitem com efeito pensar que esta deposição ocupa uma posição precoce dentro da série de enterramentos em urna da Idade do Ferro regional, como o próprio C. de Mello Beirão havia já deduzido (Beirão 1986: 49-50), justificando plenamente a hipótese avançada por V. H. Correia de que este tipo de deposições se iniciaria ainda em pleno século V a.n.e. (Correia 1993: 360).

Por outro lado, e do ponto de vista da sua integração cultural, caberia salientar que os materiais antes resenhados, longe de se integrarem nos repertórios continentais e celtizantes que pautam a cultura material nalguns conjuntos da II Idade do Ferro regional (v. Berrocal-Rangel 1992; Fabião 1998), parecem antes evidenciar uma vincada afinidade cultural com os âmbitos costeiros e meridionais. O significado deste facto será objecto de discussão aprofundada no apartado seguinte.

3.2. Outros materiais do Cerro do Ouro

Antes de discutir o contexto cultural do enterramento em urna cujos materiais associados se apresentaram nas páginas precedentes, parece importante aproveitar esta oportunidade para dar a conhecer os restantes materiais procedentes da necrópole do Cerro do Ouro actualmente depositados no MNA, que não foram até ao momento objecto de publicação.

Estes elementos, cuja associação ao enterramento em urna acima comentado não é em nenhum momento referido pelos responsáveis da intervenção na necrópole, poderão resultar de recolhas superficiais durante a decapagem e limpeza do conjunto tumular, sem que possa precisar-se o seu contexto original de deposição. Apesar da sua falta de contexto, parece oportuno dar a conhecer estes elementos, cujo estudo constitui uma

achega adicional para a caracterização da cultura material das comunidades sidéricas da área de Ourique.

Entre esses materiais contam-se dois pratos de cerâmica manual (Fig. 2, n.º 2-3), tipologicamente muito similares. Correspondem a peças de morfologia muito simples, em calote de esfera, com bordos simples, ligeiramente apontados; infelizmente, ambas as peças se encontram num estado muito fragmentário, o que impede a restituição do tipo de fundos que ostentariam. Ambos os exemplares apresentam estruturas físicas similares, exibindo pastas finas e relativamente depuradas, com elementos não-plásticos frequentes mas de muito pequenas a pequenas dimensões, que incluem quartzo/ areias quartzíticas, plagióclases e micas brancas. As peças foram submetidas a cozaduras irregulares mas predominantemente oxidantes, resultando em superfícies de coloração desigual, entre o castanho alaranjado, o ocre e o castanho claro.

A mais bem preservada destas duas peças (diâmetro – c. 23,7 cm; altura – c. 6,1 cm) destaca-se ainda pelo facto de apresentar um motivo decorativo inciso pós-cozedura no seu fundo externo. Embora o seu mau estado de conservação impeça a restituição completa desse motivo, parece evidente pelas porções conservadas que o mesmo consistiria em triângulos com larguras, comprimentos e orientações irregulares dispostos radialmente em torno do fundo da peça, quiçá com a intenção de representar um motivo solar ou astral.

Este tipo de pratos tem a sua origem nos repertórios regionais do final da Idade do Bronze (Berrocal-Rangel – Silva 2010: Fig. 134), perdurando nos conjuntos predominantemente manuais da I Idade do Ferro do interior alentejano. Com efeito, e além dos próprios sítios da região de Ourique, como Fernão Vaz (Beirão 1986: Fig. 52) e Mealha Nova (Dias – Beirão – Coelho 1970: 207), pratos deste tipo foram também documentados em várias das recém-identificadas necrópoles da área de Beja, nomeadamente na Vinha das Caliças 4 (Arruda *et al.* 2017: Figs. 5 & 11), no Monte do Bolor 1-2 (Beja) (Soares *et al.* 2017: Fig. 23), em Cinco Réis 8 (Beja) (Salvador Mateos – Pereira 2017: Fig. 13), no Poço Novo 1 (Vidigueira) (Figueiredo – Mataloto 2017: Fig. 8) e na Fareleira 3 (Vidigueira) (Figueiredo – Mataloto 2017: Fig. 13), bem como em diversos outros sítios não funerários alentejanos, podendo citar-se, sem pretensões de exaustividade, os exemplos da Azougada (Moura) (Antunes 2010: Fig. 1), do Cabeço

Redondo (Moura) (Soares 2012: Fig. 25), da Herdade da Sapatôa (Redondo) (Mataloto 2004: Est. XVII), bem como diversas outras peças procedentes de sítios do Alentejo interior (Albergaria – Melro 2013).

A decoração incisa do exemplar mais bem conservado do Cerro do Ouro é, pelo contrário, bastante mais invulgar, não contando com paralelos exactos nos repertórios regionais. Ainda assim, a técnica e o motivo decorativo presentes nesta peça podem como hipótese paralelizar-se com os de um fundo de cerâmica manual recolhido no Monte da Pata I (Moura) (Albergaria – Melro 2013: Fig. 4.60) ou com os de um prato/tigela, neste caso a torno, da Azougada (Antunes 2010: Est. L, n.º 139). Motivos relativamente similares ocorrem igualmente no bojo de recipientes fechados, tanto manuais (Antunes 2010: Est. CXLIV, n.º 380; Arruda *et al.* 2017: 198, com bibliografia, e Fig. 11) como a torno (Mataloto 2004: Est. XLIX; Antunes 2010: Est. LXXXIV), documentados em diversos sítios alentejanos.

Tendo em conta estes paralelos formais e decorativos, os exemplares do Cerro do Ouro podem datar-se de um intervalo centrado nos séculos VI e V a.n.e., sem maiores precisões, datação plenamente consistente com a das tipologias tumulares aparentemente documentadas nesta necrópole (para uma revisão cronológica recente, v. Gomes 2016; v. tb. Correia 1993; Arruda 2001).

Ainda ao nível dos materiais cerâmicos recolhidos durante as intervenções realizadas no Cerro do Ouro, caberia destacar a bem conhecida terracota figurando uma ave aquática, possivelmente do género *Cygnus* (Fig. 2, n.º 4), que pela sua configuração poderia corresponder a uma tampa ou a parte de um elemento composto de natureza indeterminada (Beirão – Gomes 1984: 436 e 440-442).

Não foi possível identificar esta peça entre as colecções do MNA e, de qualquer forma, esta terracota foi a única a merecer uma publicação completa e detalhada de entre todos os elementos recolhidos no sítio que aqui nos ocupa, parecendo portanto redundante voltar a insistir nas suas características técnicas e formais. Bastará, neste contexto, recordar que este elemento integra uma tradição coroplástica muito particular e característica da I Idade do Ferro do Sul do actual território português, onde as representações de aves ocupam um lugar destacado (Gomes 2019a). No contexto de uma recente sistematização dessa tradição, a peça

do Cerro do Ouro foi englobada num putativo “Grupo Ourique-Aljustrel” (Gomes 2019a: 8-12) que inclui igualmente outras figurações de aves aquáticas, nomeadamente as duas terracotas exumadas na necrópole de Corte Margarida (Aljustrel) (Deus – Correia 2005).

A colecção de materiais do Cerro do Ouro actualmente depositada no MNA inclui ainda quatro outros elementos metálicos, concretamente dois anéis de bronze, fragmentos da mola de uma fíbula e um fragmento de um objecto indeterminado de ouro, possivelmente um lingote.

O primeiro dos referidos anéis (Fig. 4, n.º 2) apresenta uma configuração particular, sendo aparentemente composto por duas peças. A primeira corresponderia a um aro aberto de secção *grosso modo* losânguica, mais largo e espesso na parte inferior e mais estreito e fino na parte superior; a segunda peça corresponderia a um elemento de fecho, de configuração toneliforme, rematada lateralmente por espessamentos discoides na zona de contacto com o aro antes descrito. Esta peça tem um diâmetro de 3 cm e uma espessura em torno aos 0,3 cm no aro e aos 0,47 cm no fecho.

Apesar de não corresponder a uma tipologia particularmente difundida na Idade do Ferro do Sul do actual território português, este anel do Cerro do Ouro conta ainda assim com paralelos praticamente exactos num conjunto de peças da necrópole do Monte do Bolor 1-2 (Soares *et al.* 2017: Fig. 18; v. tb. 280) que caberia datar da segunda metade do século VI a.n.e.. As raízes do modelo representado nestas peças poderão eventualmente buscar-se num anel da necrópole da Favela Nova (Ourique) (Dias – Coelho 1983: 202) no qual se buscou reproduzir, integralmente em bronze, um tipo bem conhecido de anel dotado de estojo rotativo para engaste de um escaravelho ou escarabóide egípcio/egiptizante (Perea 1991: 217; Nicolini 1991: 349-362).

O segundo exemplar (Fig. 4, n.º 3), pelo contrário, corresponde a um anel com “mesa” relativamente simples, formado por um aro muito fino de secção circular com uma porção média achatada, de secção trapezoidal e laterais biselados, que configura uma “mesa” ou cartela sub-rectangular. Se esta cartela ostentava originalmente algum motivo gravado, a corrosão e o mau estado geral de conservação desta peça não permite hoje apreciar qualquer tipo de decoração. Esta peça tem um diâmetro de 2,2 cm e uma espessura de c. 0,2 cm no aro; a cartela apresenta uma área de 1,5 × 0,6 cm.

Embora a execução de um anel deste tipo em bronze seja bastante rara, os anéis com “mesa” ou cartela são uma presença relativamente comum nos repertórios da joalharia da Idade do Ferro peninsular, podendo a peça do Cerro do Ouro aproximar-se conceptualmente do Tipo 1E de A. Perea (1991: 285) ou do grupo dos anéis “à *chaton cartouche*” de G. Nicolini (1991: 367-370). A nível regional, este anel pode comparar-se com um exemplar exumado na necrópole da Vinha das Calças 4, neste caso de aro aberto (Arruda *et al.* 2017: Fig. 17, 201), e que pode datar-se com segurança da segunda metade do século VI a.n.e..

Como já foi referido, o conjunto metálico do Cerro do Ouro inclui ainda vários pequenos fragmentos da mola de uma fíbula (não ilustrados), que, contudo, se encontram muito mal preservados e não permitem avançar com uma proposta concreta de integração tipológica para a peça a que terão pertencido. Ainda assim, e como mera hipótese, poderia pensar-se que este exemplar se enquadraria na família das fíbulas de mola bilateral (Tipos “Bencarrón”, “Acebuchal” e “Alcores”), muito bem representadas nos horizontes dos séculos VII e VI a.n.e. do Sul do actual território nacional (Ponte 2006).

Finalmente, o último elemento que integra a colecção de materiais do Cerro do Ouro depositada no MNA corresponde a um fragmento (c. 1 × 0,7 cm) de uma peça de ouro de maiores dimensões intencionalmente recortada (Fig. 4, n.º 4). Esta peça poderia corresponder a parte de um lingote, comparável por exemplo ao que integra o “tesouro” de Baleizão (Beja), do Bronze Final (Vilaça – Lopes 2005; Valério *et al.* 2019). No entanto, a parte preservada, de secção rectangular, apesar de muito reduzida, parece sugerir uma ligeira curvatura, o que poderia indicar que este elemento corresponderia a parte de um bracelete ou outro elemento comparável.

A presença aparente de decoração numa das faces deste elemento, concretamente de um motivo reticulado, muito provavelmente um triângulo, parece igualmente sugerir que, independentemente de uma possível função de acumulação e entesouramento e do seu eventual fracionamento, esta peça poderá originalmente ter correspondido a um elemento de adorno. Note-se, de resto, que os triângulos reticulados constituem um dos elementos decorativos mais característicos da ourivesaria de tipo Sagrajas-Berzocana do

Bronze Final regional (Almagro-Gorbea 1974; Perea 1991: 95-139; Armbruster 2000; para o actual território português, v. Correia 2013: 45-48; Correia – Parreira – Silva 2013), sobrevivendo nalguns produtos híbridos que caberia situar já na transição para a Idade do Ferro (Perea 2005; v. tb. Correia 2007). A decoração do fragmento do Cerro do Ouro poderia assim entroncar num repertório profundamente arraigado na tradição local/regional.

Todos estes elementos são compatíveis com a putativa cronologia dos monumentos tumulares postos a descoberto durante a intervenção realizada no sítio, que pela sua tipologia caberia enquadrar num intervalo centrado nos séculos VI e V a.n.e. (Correia 1993; para uma revisão dos parâmetros cronológicos dos monumentos tumulares das necrópoles da região de Ourique, v. Arruda 2001; Gomes 2016). Infelizmente, pouco mais se pode dizer neste contexto sobre estas peças e os seus eventuais contextos originais de deposição, podendo apenas assinalar-se que todos eles se enquadram bem no panorama regional já conhecido (Beirão – Dias – Coelho 1970; Dias – Coelho 1983; Beirão 1986; 1990; Correia 1993; Arruda 2001).

O enterramento em urna que constitui o cerne do presente estudo, pelo contrário, apresenta características de indiscutível interesse que permitem reavaliar as dinâmicas históricas e culturais subjacentes à introdução da prática da deposição dos restos cremados em urnas. Para esse efeito, parece útil discutir o contexto funerário do Cerro do Ouro que aqui nos ocupa no contexto mais lato dos enterramentos em urna associados às fases mais avançadas das necrópoles tumulares da área de Ourique e das interpretações que sobre eles se têm construído.

4. RECONSIDERANDO O SIGNIFICADO DOS ENTERRAMENTOS EM URNA: O CERRO DO OURO NO SEU CONTEXTO REGIONAL

Como ficou dito acima, o enterramento em urna do Cerro do Ouro antes comentado insere-se numa série de manifestações funerárias congéneres documentadas em diversas necrópoles da região de Ourique. Estes enterramentos em urna associam-se nalguns casos aos chamados “monumentos em Π”, considerados como o último expoente das arquitecturas

tumulares regionais (v. Silva – Gomes 1992: Fig. 61A; Beirão – Correia 1994: Fig. 2), embora noutras ocasiões apareçam desprovidos de qualquer tipo de estruturas de enquadramento próprias (v. p. ex. Dias – Coelho 1971; Beirão 1986: 66-68; Silva – Gomes 1992: Fig. 61A; Barros – Melro – Gonçalves 2013; Soares – Martins 2013: 663-664).

Estes dois tipos de manifestações funerárias – os “monumentos em Π” e os enterramentos em urna – foram integrados por V. H. Correia na Fase IV que definiu para a evolução dos conjuntos funerários da região de Ourique, que constituiria a etapa final do desenvolvimento dos mesmos (Correia 1993: 360). Em termos cronológicos, o autor citado situa o surgimento dos enterramentos em urna logo a partir de inícios do século V a.n.e., indicando em contrapartida que os “monumentos em Π” se desenvolveriam em torno a meados daquela centúria (Correia 1993: 360).

Em contrapartida, em trabalho posterior estas duas classes de deposições funerárias foram consideradas como características da II Idade do Ferro regional (Beirão – Correia 1994: 921-923), o que levanta certos problemas de leitura. Com efeito, aceitando uma cronologia no século V a.n.e. para estas modalidades sepulcrais (v. contudo Beirão – Correia 1994: 921; cf. tb. *infra*), deve assinalar-se que as mesmas são *grosso modo* contemporâneas de outros contextos considerados como paradigmáticos da I Idade do Ferro da área de Ourique. É por exemplo o caso do povoado de Fernão Vaz (Beirão 1986: 103-122; Beirão – Correia 1991; Correia 1999; Correia 2007), como bem evidencia a presença no mesmo de um *kylix* ático de verniz negro, concretamente uma Taça Cástulo (Beirão – Correia 1991: Fig. 3), evidenciando uma continuidade da ocupação do sítio na segunda metade do século V a.n.e..

Por outro lado, deve também salientar-se que a revisão do enquadramento cronológico dos próprios monumentos tumulares característicos das paisagens funerárias regionais da I Idade do Ferro permite afirmar que os mesmos persistem igualmente até ao século V a.n.e.. Os monumentos rectangulares sem câmara sepulcral atribuídos à Fase III de V. H. Correia (1993: 360), em particular, oferecem elementos de juízo que permitem situá-los entre os finais do século VI e os finais do V a.n.e. (Gomes 2016: 446), o que implicaria um período de convivência entre esta modalidade funerária e as que se atribuíram à Fase IV.

Em relação a estas últimas, contudo, qualquer tentativa de restituição do seu enquadramento cronológico esbarra com a escassez de dados concretos sobre os seus conteúdos e a cultura material que lhes está associada. Ainda assim, alguns dados conhecidos permitem discutir, mesmo que brevemente, o horizonte cronológico das soluções funerárias em apreço.

Desde logo, no que diz respeito aos enterramentos em urna, os dados acima apresentados sobre o caso do Cerro do Ouro, considerado precoce pelo próprio C. de Mello Beirão (1986: 49-50), permite sugerir que o arranque desta modalidade funerária nas necrópoles da região de Ourique poderia situar-se em torno aos meados do século V a.n.e.. Não é naturalmente impossível que esse arranque seja anterior, remontando à primeira metade daquela centúria como propôs V. H. Correia (1993: 360), mas desconhecem-se por agora quaisquer elementos de juízo concretos que suportem essa maior antiguidade.

O término desta modalidade funerária, em contrapartida, parece mais difícil de determinar, na medida em que o mesmo entronca – pelo menos do ponto de vista cronológico – com um período caracterizado precisamente pela generalização da prática dos enterramentos em urna (cf. Gomes 2019b). Ainda assim, e considerando apenas aqueles casos em que estes enterramentos em urna surgem de alguma forma associados a contextos sepulcrais que remetem para o horizonte funerário anterior, caberia pensar numa perduração até, talvez, aos inícios/ primeira metade do século IV a.n.e., tal como sugerem os dados das necrópoles da Atafona (Almodôvar) (Silva – Gomes 1992: Fig. 61A; cf. tb. *infra*) e da Abóbada (Almodôvar) (Dias – Coelho 1971; Barros – Melro – Gonçalves 2013).

Já no que diz respeito aos “monumentos em Π”, os elementos para aferir a sua cronologia inicial de uso são muito limitados, não havendo *a priori* razões para questionar a datação inicial de meados do século V a.n.e. sugerida por V. H. Correia (1993: 360; v. contudo Beirão – Correia 1994: 921). Ainda assim, note-se a presença de monumentos deste tipo na periferia de necrópoles tumulares (cf. Correia 1993: 360) onde também se documentam monumentos rectangulares da Fase III. Se, como ficou dito acima, a cronologia destes últimos alcança potencialmente os finais do século V a.n.e., talvez seja possível sugerir uma cronologia ligeiramente mais tardia para os “monumentos em Π”, teoricamente

mais evolucionados, cujo desenvolvimento poderia como hipótese situar-se no último quartel/ finais do século V a.n.e..

Em contrapartida, o que parece certo é que a utilização deste tipo de estruturas se prolonga no tempo até, pelo menos, à primeira metade do século IV a.n.e., como bem reconheceram os responsáveis do seu estudo (Beirão – Correia 1994: 921). Esse prolongamento encontra-se bem evidenciado no caso do monumento da Atafona, no exterior do qual se depositou, eventualmente como recipiente de oferenda, uma imitação (local?) de um *krater* ático (Silva – Gomes 1992: Fig. 61A).

Assim, e assumindo a filiação destes “monumentos em Π” nas arquitecturas tumulares regionais, nunca questionada, e que os mesmos seriam uma expressão tardia da tradição funerária representada por aqueles, parece necessário matizar a ideia de uma descontinuidade ao nível das práticas funerárias durante as etapas finais das necrópoles sidéricas de Ourique, como aliás já se defendeu (Arruda – Guerra – Fabião 1995: 248), o que implicaria também reconsiderar o carácter intrusivo dos enterramentos em urna, intimamente associados, como ficou dito, aos citados “monumentos em Π” (cf. Beirão – Correia 1994: 921).

Por outro lado, os dados concretos sobre os materiais associados ao enterramento em urna do Cerro do Ouro apresentados nas páginas precedentes, somados a outros já anteriormente conhecidos, permitem igualmente repensar as dinâmicas culturais que subjazem à difusão desta modalidade funerária, oferecendo alternativas plausíveis ao modelo de difusão démica originalmente sustentado pelos responsáveis da escavação de boa parte desses enterramentos (Beirão – Gomes – Monteiro 1979).

Com efeito, as características da cultura material presente neste enterramento não só não indiciam quaisquer afinidades continentais ou celtizantes como, pelo contrário, evidenciam claras concomitâncias com os horizontes culturais e funerários do litoral, notando-se em particular as evidentes similitudes entre o enterramento em urna do Cerro do Ouro e o horizonte funerário da Fase II da necrópole do Olival do Senhor dos Mártires, em Alcácer do Sal (Gomes 2016-2017: 36-44; 2018a).

Uma revisão recente do registo funerário desta última necrópole permitiu situar a transição entre

a I e a II Idade do Ferro local em torno a meados do século V a.n.e. (Gomes 2018a). A nível das práticas funerárias, essa transição coincide com a substituição das incinerações *in situ* em *busta* que haviam caracterizado a etapa imediatamente precedente do sítio por cremações depositadas em urna (Gomes 2016-2017: 36-44; 2018a). As características destas últimas, nomeadamente ao nível da cultura material que lhes está associada (Gomes 2018a), indiciam uma evidente continuidade das afinidades meridionais da população local que não se compagina com uma qualquer ideia de descontinuidade cultural (cf. Arruda – Guerra – Fabião 1995: 248-249; Fabião 1998: 350-369).

Pelo contrário, as alterações ao nível das práticas funerárias da comunidade alcacerense devem ler-se preferencialmente no quadro de uma reorientação da rede de relações sociais, políticas e económicas desta comunidade que resulta da retracção da presença fenícia no Sudoeste Peninsular e da concomitante reorganização das antigas redes “orientalizantes” a partir do século VI a.n.e.. Neste contexto, Alcácer do Sal parece não só ter mantido e aprofundado as suas relações com a área da Baixa Andaluzia, como também ter estabelecido novas relações com o mundo “ibérico” do Sudeste e do Levante (Gomes 2018a), relações essas que se reflectem na esfera funerária, mas não só (cf. Gomes 2008).

Neste contexto, parece relevante sublinhar que este processo de reorientação e reorganização da rede de contactos regionais e transregionais da comunidade de Alcácer do Sal parece coincidir no tempo com o surgimento dos primeiros enterramentos em urna nas necrópoles da região de Ourique, ilustradas pelo caso aqui estudado do Cerro do Ouro. Essa coincidência cronológica, somada às concomitâncias em termos de cultura material entre o referido enterramento em urna e os da necrópole alcacerense permite sugerir, como hipótese, que a introdução dos enterramentos em urna na área do Baixo Alentejo aqui considerada poderá resultar não da chegada de novas populações com uma matriz cultural continental, mas de uma intensificação dos contactos de Alcácer do Sal com o seu *hinterland* alentejano.

Nesta perspectiva, o caso do enterramento em urna do Cerro do Ouro aqui analisado poderia paralelizar-se com o de outro conjunto funerário que, apesar de infelizmente mal conhecido, oferece também dados

sugestivos: a necrópole do Galeado, em Vila Nova de Milfontes (Beirão – Gomes 1983). Com efeito, neste sítio da costa alentejana documentou-se igualmente um horizonte funerário integrável na II Idade do Ferro com claras semelhanças com a Fase II da necrópole do Olival do Senhor dos Mártires. Uma recente reapreciação dos materiais desta necrópole em depósito no MNA permitiu de resto constatar que pelo menos parte dos materiais cerâmicos do Galeado apresenta fabricos consistentes com uma produção alcacerense, o que reforçaria ainda mais esse vínculo entre ambos os sítios.

Considerados desde este ponto de vista, os enterramentos em urna do Galeado e do Cerro do Ouro poderiam considerar-se reflexos da crescente projecção de Alcácer do Sal na sua envolvente regional mais imediata, possivelmente como parte de processos mais complexos de reorientação económica que por ora nos escapam. A introdução dos enterramentos em urna na área de Ourique poderia assim resultar de contactos e relações interculturais de signo distinto do proposto por C. de Mello Beirão e seus colaboradores que, contudo, se inscrevem numa dinâmica não de ruptura, mas de continuidade.

Em termos globais, esta leitura parece coadunar-se melhor com o contexto dos enterramentos em urna aqui considerados, intimamente associados às mais antigas necrópoles tumulares ou aos seus correlatos tardios, os “monumentos em Π”, o que sugere igualmente uma evolução na continuidade e não uma ruptura radical em termos culturais. Por outro lado, nesta hipótese a introdução dos enterramentos em urna em meados do século V a.n.e. pode dissociar-se da conjuntura que resultou no esgotamento do modelo sociopolítico das comunidades da I Idade do Ferro da região de Ourique já nos finais daquela centúria ou nos inícios da seguinte, explicando o desfasamento cronológico entre uma e outra.

Deve contudo salvaguardar-se que esta leitura alternativa das dinâmicas culturais que resultaram na introdução dos enterramentos em urna nas necrópoles da região de Ourique não invalida que as comunidades desta área tenham a seu tempo assimilado outros influências culturais com origens distintas. Com efeito, certos aspectos da cultura material de alguns enterramentos em urna tardios dentro do grupo aqui considerado evidenciam efectivamente a incorporação de elementos

com conotações continentais, celtizantes (v. Dias – Coelho 1971: 182-183; Silva – Gomes 1992: Fig. 61A). No entanto, parece plausível que a introdução desses elementos se produza numa outra conjuntura, e como parte de um processo de paulatina construção do ambiente eminentemente multicultural que parece caracterizar a II Idade do Ferro baixo-alentejana.

Este tema mereceria uma discussão mais detalhada, no âmbito de uma leitura de conjunto dos vários grupos de enterramentos em urna da Idade do Ferro conhecidos no Sul do actual território português. Essa leitura escapa, contudo, aos objectivos do presente trabalho, que pretende unicamente contribuir para uma necessária reflexão sobre um horizonte funerário que carece ainda de uma revisão detalhada que permita dissipar as muitas incógnitas que o envolvem. Espera-se por isso que as hipóteses aqui levantadas venham a ser confrontadas no futuro com novos dados que permitam avançar nesta discussão com bases mais sólidas e mais seguras.

Entretanto, restaria apenas assinalar que o caso do enterramento em urna do Cerro do Ouro serve como um recordatório de que, no estado actual dos nossos conhecimentos, o registo funerário da Idade do Ferro do Sul português se presta cada vez menos a leituras unilineares e homogeneizantes, exigindo uma grelha de leitura assente no reconhecimento da diversidade e complexidade dos fenómenos históricos de que constitui um ilustrativo reflexo.

Bibliografia

- ALBERGARIA, J. – MELRO, S. (2013) – *Ocupação Proto-Histórica na margem esquerda do Guadiana*. Beja.
- ALMAGRO GORBEA, M. J. (1986) – *Orfebrería fenicio-púnica*. Madrid.
- ALMAGRO-GORBEA, M. (1974) – Los tesoros de Sagrajas y Berzocana y los torques de oro macizo del Occidente Peninsular. In *Actas do III Congresso Nacional de Arqueologia*. Porto: 259-282.
- ALMAGRO-GORBEA, M. (2008) – Joyería. In ALMAGRO-GORBEA, M. (dir.) – *La necrópolis de Medellín. I. La excavación y sus hallazgos*. Madrid: 371-386.
- ALMAGRO-GORBEA, M. – LORRIO, A. (2015) – Nuevas joyas fenio-púnicas de Villaricos. *Rivista di Studi Fenici*, 43: 67-90.
- ANTUNES, A. S. (2010) – *Um conjunto cerâmico da Azougada. Em torno da Idade do Ferro Pós-Orientalizante da margem esquerda do Baixo Guadiana*. Lisboa.
- ARMBRUSTER, B. (2000) – *Goldschmiedekunst und Bronzetechnik. Studien zum Metallhandwerk der Atlantischen Bronzezeit auf der Iberischen Halbinsel*. Montpellier.
- ARRUDA, A. M. (2001) – A Idade do Ferro pós-orientalizante no Baixo Alentejo. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 4(2): 207-291. URL: http://www.patrimoniocultural.gov.pt/media/uploads/revistaportuguesadearqueologia/4_2/7.pdf
- ARRUDA, A. M. – BARBOSA, R. – GOMES, F. B. – SOUSA, E. de (2017) – A necrópole da Vinha das Calças (Trigaches, Beja, Portugal). In JIMÉNEZ ÁVILA, J. (coord.) – *Sidereum Ana III: El río Guadiana en Época Tartésica*. Madrid: 187-226.
- ARRUDA, A. M. – GUERRA, A. – FABIÃO, C. (1995) – O que é a IIª Idade do Ferro no Sul de Portugal? *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 35(2): 237-257.
- de la BANDERA, M. L. – FERRER ALBELDA, E. (2014) – Las joyas y adornos personales. In FERNÁNDEZ FLORES, Á. – RODRÍGUEZ AZOGUE, A. – CASADO ARIZA, M. – PRADOS PÉREZ, E. (coords.) – *La Necrópolis de Época Tartésica de La Angorrilla, Alcalá del Río, Sevilla*. Sevilla: 429-476.
- BARROS, P. – MELRO, S. – GONÇALVES, D. (2013) – A necrópole da Idade do Ferro da Abóbada (Almodôvar). In JIMÉNEZ ÁVILA, J. – BUSTAMANTE, M. – CABEZAS, M. G. (eds.) – *VI Encuentro de Arqueología del Suroeste Peninsular*. Villafranca de los Barrios: 1157-1177.
- BEIRÃO, C. de M. (1986) – *Une Civilisation Protohistorique du Sud du Portugal (Ier Âge du Fer)*. Paris.
- BEIRÃO, C. de M. (1990) – Epigrafia da Idade do Ferro do Sudoeste da Península Ibérica. Novos dados arqueológicos. *Estudos Orientais*, 1: 107-118.
- BEIRÃO, C. de M. – CORREIA, V. H. (1991) – A cronologia do povoado de Fernão Vaz. *Conimbriga*, 30: 5-11. DOI: https://dx.doi.org/10.14195/1647-8657_30_1
- BEIRÃO, C. de M. – CORREIA, V. H. (1994) – A IIª Idade do Ferro no Sul de Portugal: o estado actual dos nossos conhecimentos. In *Actas del XXI Congreso Nacional de Arqueología*. Zaragoza: 915-930.
- BEIRÃO, C. de M. – GOMES, M. V. (1980) – *A I Idade do Ferro no Sul de Portugal. Epigrafia e Cultura*. Lisboa.
- BEIRÃO, C. de M. – GOMES, M. V. (1983) – A necrópole da Idade do Ferro do Galeado (Vila Nova de Milfontes). *O Arqueólogo Português*, S. IV(1): 207-266. URL: http://www.patrimoniocultural.gov.pt/static/data/publicacoes/o_arqueologo_portugues/serie_4/volume_1/necropole.pdf
- BEIRÃO, C. de M. – GOMES, M. V. (1984) – Coroplastia da I Idade do Ferro do Sul de Portugal. In *Volume d'hommage au géologue Georges Zbyszewski*. Paris: 450-482.
- BEIRÃO, C. de M. – GOMES, M. V. – MONTEIRO, J. P. (1979) – *As Estelas Epigrafadas da I Idade do Ferro do Sul de Portugal*. Setúbal.
- BEIRÃO, C. de M. – SILVA, C. T. da – SOARES, J. – GOMES, M. V. – GOMES, R. V. (1985) – Depósito votivo da II Idade do Ferro de Garvão. Notícia da primeira campanha de escavações. *O Arqueólogo Português*, S. IV(3): 45-135. URL: http://www.patrimoniocultural.gov.pt/static/data/publicacoes/o_arqueologo_portugues/serie_4/volume_3/deposito_votivo.pdf
- BERROCAL-RANGEL, L. (1992) – *Los pueblos célticos del suroeste peninsular*. Madrid.
- BERROCAL-RANGEL, L. – SILVA, A. C. (2010) – *O Castro dos Ratinhos (Barragem do Alqueva, Moura). Escavações num povoado proto-histórico do Guadiana, 2004-2007*. Lisboa.
- CALADO, D. – GOMES, M. V. (2004) – Quinta da Queimada (Lagos): a necrópole da II Idade do Ferro. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 9(2): 171-185. URL: http://www.patrimoniocultural.gov.pt/media/uploads/revista_portuguesadearqueologia/9_2/2/09-p.171-186.pdf

- CORREIA, V. H. (1993) – As necrópoles da Idade do Ferro do Sul de Portugal: arquitetura e rituais. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 33(3-4): 351-370.
- CORREIA, V. H. (1999) – Fernão Vaz (Ourique, Beja). Balanço da investigação arqueológica. *Vipasca*, 8: 23-31.
- CORREIA, V. H. (2007) – The early Iron Age transition in the goldwork of the west of the Iberian Peninsula. In BURGESS, C. – TOPPING, P. – LYNCH, F. (ed.) – *Beyond Stonehenge: essays on the Bronze Age in honour of Colin Burgess*. Oxford: 90-96.
- CORREIA, V. H. (2013) – A ourivesaria arcaica no Ocidente peninsular. Estado da questão, problemáticas arqueológicas e perspectivas de desenvolvimento do campo de estudo. *O Arqueólogo Português*, S.5(3): 15-80.
- CORREIA, V. H. – PARREIRA, R. – SILVA, A. C. F. da (2013) – *Ourivesaria Arcaica do Território Português*. Lisboa.
- COSTA, M. – ARRUDA, A. M. – DIAS, L. – BARBOSA, R. – MIRÃO, J. – VANDENABEELE, P. (2019) – The combined use of Raman and micro-X-ray diffraction analysis in the study of archaeological glass beads. *Journal of Raman Spectroscopy*, 50(2): 137-142. DOI: <https://doi.org/10.1002/jrs.5446>
- DEUS, M. de – CORREIA, J. (2005) – Corte Margarida. Mais uma necrópole orientalizante no Baixo Alentejo. In CELESTINO PÉREZ, S. – JIMÉNEZ ÁVILA, J. (coords.), *El Periodo Orientalizante*. Madrid: 615-618.
- DIAS, M. M. A. – BEIRÃO, C. de M. – COELHO, L. (1970) – Duas necrópoles da Idade do Ferro no Baixo-Alentejo: Ourique. (Notícia preliminar). *O Arqueólogo Português*, S.3(4): 175-219. URL: http://www.patrimoniocultural.gov.pt/static/data/publicacoes/o_arqueologo_portugues/serie_3/volume_4/necropoles_idade_ferro.pdf
- DIAS, M. M. A. – COELHO, L. (1971) – Notável lápide proto-histórica da Herdade da Abóbada - Almodôvar (primeira notícia). *O Arqueólogo Português*, S.3(5): 181-190. URL: http://www.patrimoniocultural.gov.pt/static/data/publicacoes/o_arqueologo_portugues/serie_3/volume_5/notavel_lapide.pdf
- DIAS, M. M. A. – COELHO, L. (1983) – Objectos arqueológicos de um túmulo de incineração da necrópole proto-histórica da herdade da Favela Nova (Ourique). *O Arqueólogo Português*, S.4(1): 197-205. URL: http://www.patrimoniocultural.gov.pt/static/data/publicacoes/o_arqueologo_portugues/serie_4/volume_1/objectos_arqueologicos.pdf
- ESCACENA CARRASCO, J. L. (1985) – *Cerámicas a torno pintadas andaluzas de la II Edad del Hierro*. Tese de Doutoramento apresentada à Universidade de Sevilha. Inédita.
- ESTRELA, S. (2010) – *Os níveis fundacionais da Idade do ferro de Mesas do Castelinho (Almodôvar): os contextos arqueológicos na (re)construção do povoado*. Tese de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Inédita. URL: <https://repositorio.ul.pt/handle/10451/3009>
- ESTRELA, S. (2019) – Adornos, espaço e tempo: as contas de colar em Mesas do Castelinho (Santa Clara-a-Nova, Almodôvar). *digitAR*, 6: 227-253. DOI: https://doi.org/10.14195/2182-844X_6_18
- FABIÃO, C. (1998) – *O Mundo Indígena e a sua Romanização na Área Céltica do actual território português*. Tese de Doutoramento em Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 3 Volumes. Inédita.
- FERRER ALBELDA, E. – GARCÍA FERNÁNDEZ, F. J. (2008) – Cerámica Turdetana. In BERNAL CASASOLA, D. – RIBERA i LACOMBA, A. (eds.) – *Cerámicas hispanorromanas. Un estado de la cuestión*. Cádiz: 201-219.
- FIGUEIREDO, M. – MATALOTO, R. (2017) – Necrópoles rurais sidéricas do Baixo Alentejo setentrional: sociedade e mundo funerário nos Barros de Beja. In JIMÉNEZ ÁVILA, J. (coord.) – Sidereum Ana III: *El río Guadiana en Época Tartésica*. Madrid: 353-398.
- GARCÍA FERNÁNDEZ, F. J. – SÁEZ ROMERO, A. (2014) – Influencias de tradición helenística y centromediterránea en las producciones comunes del área turdetana. In MORAIS, R. – FERNÁNDEZ, A. – SOUSA, M. J. (eds.) – *As produções cerâmicas de imitação na Hispania*. Porto: 109-124.
- GAUCKLER, P. (1915) – *Nécropoles puniques de Carthage*. Paris.
- GOMES, E. (2008) – *Os ex-votos proto-históricos do Castelo de Alcácer do Sal*. Tese de Mestrado apresentado à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Inédita. URL: <http://hdl.handle.net/10451/488>.
- GOMES, F. B. (2016) – *Contactos culturais e discursos identitários na I Idade do Ferro do Sul de Portugal (séculos VIII a V a.n.e.): leituras a partir do registo funerário*. Tese de Doutoramento apresentada à Universidade de Lisboa. Inédita. URL: <https://repositorio.ul.pt/handle/10451/25042>.
- GOMES, F. B. (2016-2017) – A evolução dos rituais funerários da Idade do Ferro no Ocidente Peninsular: uma nova proposta de faseamento para a necrópole do Olival do Senhor dos Mártires (Alcácer do Sal). *O Arqueólogo Português*, S. V(6/7): 17-59.
- GOMES, F. B. (2018a) – The Olival do Senhor dos Mártires necropolis (Alcácer do Sal, Portugal) during the Late Iron Age: new social, political and cultural insights. *Zephyrus*, 81: 117-139. DOI: <http://dx.doi.org/10.14201/zephyrus201881117139>
- GOMES, F. B. (2018b) – La Cornalina en el Bronce Final y la Edad del Hierro del Sur de Portugal. *Lucentum*, XXXVII: 55-74. DOI: <http://dx.doi.org/10.14198/LVCENTVM2018.37.03>
- GOMES, F. B. (2019a) – Early Iron Age terracottas from southern Portugal: towards the definition of a regional coroplastic tradition. *Les Carnets de l'ACoS*, 19: s/p. URL: <https://journals.openedition.org/acost/1729>
- GOMES, F. B. (2019b) – El mundo funerario prerromano en el sur de Portugal (siglos V/IV – II a.n.e.): (pocos) datos y (algunos) problemas. *Archivo Español de Arqueología*, 92: 43-62. DOI: <https://doi.org/10.3989/aespa.092.019.002>
- GOMES, F. B. (2020) – O conjunto vítreo da necrópole da I Idade do Ferro da Fonte Velha de Bensafrim (Lagos). *Ophiussa*, 4: 71-116. <https://doi.org/10.51679/ophiussa.2020.65>
- GOMES, F. B. (2021a) – *A necrópole do Olival do Senhor dos Mártires (Alcácer do Sal, Portugal). Práticas funerárias, Cultura Material e Identidade(s) na Idade do Ferro do Baixo Sado (séculos VII – II a.n.e.)*. Lisboa.
- GOMES, F. B. (2021b) – Early Iron Age 'Black' Glass in Southwestern Iberia: Typology, Distribution, and Context. *Zephyrus*, LXXXVII: 125-144. DOI: <https://doi.org/10.14201/zephyrus202187125144>
- GOMES, F. B. (2021c) – El vidrio prerromano en el Algarve (Portugal): el conjunto de la tumba de Corte de Père Jacques (Aljezur) en su contexto regional. *Onoba*, 9: 93-108. DOI: <http://dx.doi.org/10.33776/onoba.v9i0.4810>
- GOMES, F. B. – ARRUDA, A. M. (2013) – A cerâmica pintada da II Idade do Ferro do Castelo de Castro Marim. *Onoba*, 1: 19-54. URL: <http://rabida.uhu.es/dspace/handle/10272/6800>
- GRILO, C. (2006) – *A rua do Sembrano e a ocupação pré-romana de Beja*. Tese de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Inédita.

- HERNÁNDEZ HERNÁNDEZ, F. – GALÁN DOMINGO, E. (1996) – *La necrópolis de “El Mercadillo” (Botija, Cáceres)*. Cáceres.
- JIMÉNEZ ÁVILA, J. (2015) – Tumbas de la II Edad del Hierro de la necrópolis de El Jardal (Herrera del Duque, Badajoz). In MEDINA, N. (ed.) – *Actas del VII Encuentro de Arqueología del Suroeste Peninsular*. Aroche: 377-404.
- LÓPEZ PALOMO, L. A. (1981) – Alhonor (Excavaciones de 1973 a 1978). *Noticiario Arqueológico Hispánico*, XIII: 33-188.
- LUZÓN NOGUÉ, J. M. (1973) – *Excavaciones en Italica. La estratigrafía en el Pajar de Artillo*. Madrid.
- MATA CARRIAZO, J. de – RADDATZ, K. (1960) – Primicias de un corte estratigráfico en Carmona. *Archivo Hispalense*, 33(103-104): 333-369.
- MATALOTO, R. (2004) – *Um “monte” da Idade do Ferro na Herdade da Sapatoa: ruralidade e povoamento no I milénio a.C. do Alentejo Central*. Lisboa.
- MATALOTO, R. – WILLIAMS, J. – ROQUE, C. (2014) – ‘...e daí desce a dar-lhe batalha...’: a ocupação pré-romana e a romanização da região da Serra d’Ossa (Alentejo Central, Portugal). In SALAS TOVAR, E. (coord. cient.) – MATALOTO, R. – MAYORAL HERRERA, V. – ROQUE, C. (eds.) – *La Gestación de los Paisajes Rurales entre la Protohistoria y el Periodo Romano*. Madrid: 17-44.
- NICOLINI, G. (1991) – *Techniques des ors antiques. La bijouterie ibérique du VIIe au IVe siècle*. Paris.
- NOLEN, J. (1985) – *Cerâmica Comum de necrópoles do Alto Alentejo*. Lisboa.
- PELLICER CATALÁN, M. – ESCACENA CARRASCO, J. L. – BENDALA GALÁN, M. (1983) – *El Cerro Macareno*. Madrid.
- PEREA, A. (1991) – *Orfebrería Prerromana: Arqueología del Oro*. Madrid.
- PEREA, A. (2005) – Mecanismos identitarios y de construcción de poder en la transición Bronce-Hierro. *Trabajos de Prehistoria*, 62(2): 91-103. DOI: <https://doi.org/10.3989/tp.2005.v62.i2.70>
- PEREIRA SIESO, J. (1988) – La cerámica ibérica de la cuenca del Guadalquivir. I: Propuesta de clasificación. *Trabajos de Prehistoria*, 45: 143-173. DOI: <https://doi.org/10.3989/tp.1988.v45.i0.608>
- PEREIRO, T. do – MATALOTO, R. – BORGES, N. (2017) – Alentejo, a Sul de Beja: a necrópole sidérica da Quinta do Estácio 6. In JIMÉNEZ ÁVILA, J. (ed.) – *Sidereum Ana III. El Río Guadiana y Tartessos*. Mérida: 303-331.
- PONTE, S. da (2006) – *Corpus Signorum das Fibulas Protohistóricas e Romanas de Portugal*. Porto.
- QUILLARD, B. (1987) – *Bijoux Carthaginois. II. Porte-Amulettes, Sceaux-Pendentifs, Pendants, Boucles, Anneaux et Bagues*. Louvain-la-Neuve.
- RODRÍGUEZ DÍAZ, A. – JIMÉNEZ ÁVILA, J. (1987-1988) – Informe sobre las excavaciones realizadas en el yacimiento de Hornachuelos, Ribera del Fresno, (Badajoz). 1986-1988. *Norba*, 8-9: 13-31.
- RODRÍGUEZ GONZÁLEZ, E. (2014) – *Astigi Vetus. Arqueología y urbanismo de la Écija turdetana (ss. VI – I a.C.)*. Madrid: La Ergástula.
- SALVADOR MATEOS, R. – PEREIRA, J. A. (2017) – A paisagem funerária a Oeste de Beja no Período Orientalizante: duas necrópoles da Carlota (São Brissos) e de Cinco Réis 8 (Santiago Maior). In JIMÉNEZ ÁVILA, J. (ed.) – *Sidereum Ana III. El Río Guadiana y Tartessos*. Mérida: 333-352.
- SILVA, A. C. F. da – GOMES, M. V. (1992) – *Proto-história de Portugal*. Lisboa.
- SOARES, R. M. (2012) – *O Cabeço Redondo. Um edifício da Idade do Ferro Pós-Orientalizante na Herdade do Metum (Moura)*. Tese de Mestrado em Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Inédita. URL: <https://repositorio.ul.pt/handle/10451/7919>
- SOARES, R. M. – BAPTISTA, L. – PINHEIRO, R. – OLIVEIRA, L. – RODRIGUES, Z. – VALE, N. (2017) – A necrópole da Idade do Ferro do Monte do Bolor 1-2 (São Brissos, Beja). In JIMÉNEZ ÁVILA, J. (ed.) – *Sidereum Ana III. El Río Guadiana y Tartessos*. Mérida: 263-301.
- SOARES, R. M. – MARTINS, A. (2013) – A necrópole da Nora Velha 2 (Ourique). Novos dados e interpretações 20 anos após a sua escavação. In ARNAUD, J. M. – MARTINS, A. – NEVES, C. (coords.) – *Arqueologia em Portugal. 150 Anos*. Lisboa: 661-669.
- SOUSA, E. de (2009) – *A cerâmica de tipo Kuass no Algarve: os casos de Castro Marim e de Faro*. Lisboa.
- SOUSA, E. de (2014) – *A Ocupação Pré-Romana da Foz do Estuário do Tejo*. Lisboa.
- VALÉRIO, P. – SILVA, R. J. C. – ARAÚJO, M. de F. – SOARES, A. M. (2019) – Análise arqueométrica dos artefactos metálicos do “Tesouro” de Baleizão. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 22: 43-53.
- VILAÇA, R. – LOPES, M. da C. (2005) – The treasure of Baleizão, Beja (Alentejo, Portugal). *Journal of Iberian Archaeology*, 7: 177-184.
- VILHENA, J. (2006) – *O Sentido da Permanência. As Envolventes do Castro da Cola nos 2º e 1º Milénios a.C.*. Tese de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Inédita.
- VILHENA, J. (2008) – As armas e os barões assinalados? Reflexões em torno das necrópoles monumentais do “Ferro de Ourique” (Sul de Portugal). In JIMÉNEZ ÁVILA, J. (coord.) – *Sidereum Ana I: El río Guadiana en Época Post-Orientalizante*. Madrid: 373-397.

POLÍTICA EDITORIAL

Objectivos

A Ophiussa – Revista do Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa foi iniciada sob a direcção de Victor S. Gonçalves em 1996, tendo sido editado o volume 0. A partir do volume 1 (2017), a Revista Ophiussa converte-se numa edição impressa e digital da UNIARQ – Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa (ISSN 1645-653X / E-ISSN 2184-173X).

O principal objectivo desta revista é a publicação e divulgação de trabalhos com manifesto interesse, qualidade e rigor científico sobre temas de Pré-História e Arqueologia, sobretudo do território europeu e da bacia do Mediterrâneo.

Periodicidade

A Ophiussa – Revista do Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa publicará um volume anual. O período de submissão de trabalhos decorrerá sempre no primeiro semestre e a edição ocorrerá no último trimestre de cada ano.

Secções da revista

A revista divide-se em duas secções: artigos científicos e resenhas bibliográficas. Excepcionalmente poderão ser aceites textos de carácter introdutório, no âmbito de homenagens ou divulgações específicas, que não serão submetidos à avaliação por pares. Isentas desta avaliação estão também as resenhas bibliográficas.

Os autores / editores que pretendam apresentar uma obra para resenha devem enviar dois exemplares para a direcção da Revista Ophiussa: um para o autor/autora da resenha que será convidado para o efeito e outro para a Biblioteca da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Aceita-se igualmente a apresentação de propostas de resenhas espontâneas.

Aceitam-se trabalhos redigidos em português, inglês, espanhol, italiano e francês.

Processo de avaliação por pares

Os artigos submetidos são sujeitos a um processo de avaliação por parte de revisores externos (double blind peer review).

Todas as submissões (artigos e resenhas) serão avaliadas, em primeira instância, pela Coordenação Editorial, no que respeita ao seu conteúdo formal e à sua adequação face à política editorial e às normas de edição da revista. Os artigos que cumprirem estes requisitos serão posteriormente submetidos a um processo de avaliação por pares cega / double blind peer review (mínimo de dois revisores). O Conselho Científico, constituído pela direcção da UNIARQ e por investigadores externos, acompanhará o processo de edição.

Esta etapa será concretizada por investigadores externos qualificados, sendo os respectivos pareceres entregues num período não superior a três meses. Os revisores procederão à avaliação de forma objectiva, tendo em vista a qualidade do conteúdo da revista; as suas críticas, sugestões e comentários serão, na medida do possível, construtivos, respeitando as capacidades intelectuais do(s) autor(es). Após a recepção dos pareceres, o(s) autor(es) tem um prazo máximo de um mês para proceder às alterações oportunas e reenviar o trabalho.

A aceitação ou recusa de artigos terá como únicos factores de ponderação a sua originalidade e qualidade científica.

O processo de revisão é confidencial, estando assegurado o anonimato dos avaliadores e dos autores dos trabalhos, neste último caso até à data da sua publicação.

Os trabalhos só serão aceites para publicação a partir do momento em que se conclua o processo da revisão por pares. Os textos que não forem aceites serão devolvidos aos seus autores.

A lista dos avaliadores será publicada em ciclos de 3 anos, indicada no final da Revista Ophiussa (versão impressa e digital).

Ética na publicação

A Revista Ophiussa segue as orientações estabelecidas pelo Committee on Publication Ethics (COPE, Comité de Ética em Publicações): <https://publicationethics.org/>

Apenas serão publicados artigos originais. Para efeito de detecção de plágio ou duplicidade será utilizada a plataforma URKUNDU (<https://www.orkund.com/pt-br/>). Serão rejeitadas práticas como a deformação ou invenção de dados. Os autores têm a responsabilidade de garantir que os trabalhos são originais e inéditos, fruto do consenso de todos os autores e cumprem com a legalidade vigente, dispondo de todas autorizações necessárias. Os artigos que não cumpram com estas normas éticas serão rejeitados.

As colaborações submetidas para publicação devem ser inéditas. As propostas de artigo não podem incluir qualquer problema de falsificação ou de plágio. As ilustrações que não sejam do(s) autor(es) devem indicar a sua procedência. O Conselho Científico e a Coordenação Editorial assumem que os autores solicitaram e receberam autorização para a reprodução dessas ilustrações, e, como tal, rejeitam a responsabilidade do uso não autorizado das ilustrações e das consequências legais por infracção de direitos de propriedade intelectual.

É assumido que todos os Autores fizeram uma contribuição relevante para a pesquisa reportada e concordam com o manuscrito submetido. Os Autores devem declarar de forma clara eventuais conflitos de interesse. As colaborações submetidas que, direta ou indiretamente, tiveram o apoio económico de terceiros, devem claramente declarar essas fontes de financiamento.

Os textos propostos para publicação devem ser inéditos e não deverão ter sido submetidos a qualquer outra revista ou edição electrónica.

O conteúdo dos trabalhos é da inteira responsabilidade do(s) autor(es) e não expressa a posição ou opinião do Conselho Científico ou da Coordenação Editorial.

O processo editorial decorrerá de forma objectiva, imparcial e anónima. Erros ou problemas detetados após a publicação serão investigados e, se comprovados, haverá lugar à publicação de correções, retratações e/ou respostas.

Serão considerados os seguintes princípios éticos:

1) RESPONSABILIDADE

A Revista Ophiussa através dos editores e autores tem a responsabilidade absoluta de aprovação, condenando todas as más práticas da publicação científica.

2) FRAUDE CIENTÍFICA:

A Revista Ophiussa procurará detectar manipulação e falsificação de dados, plágio ou duplicidade, com os mecanismos de detecção adequados.

3) POLÍTICA EDITORIAL E PROCEDIMENTOS

a) Os autores devem ter participado no processo de investigação e do processo de revisão, devendo garantir que os dados incluídos são reais e autênticos e estando obrigados a emitir retracções e correcções de erros de artigos publicados;

b) Os revisores devem efectuar uma revisão objectiva e confidencial e não ter conflitos de interesse (investigação, autores ou financiadores), devendo indicar obras publicadas relevantes que não foram citadas;

c) Na detecção de fraude ou má prática em fase de avaliação deve ser indicada pelos revisores e na fase de pós publicação por qualquer leitor.

d) Em caso de detecção de más práticas em fase de avaliação ou de detecção de artigos publicados previamente, o Conselho Editorial remeterá a ocorrência ao autor estabelecendo um prazo de 7 dias para esclarecimento, sendo posteriormente avaliada pelo Conselho de Redacção. Em fase de pós publicação, o Conselho Editorial poderá arquivar ou determinar a retratação num número seguinte, indicando-se os trâmites prévios.

Política de preservação de arquivos digitais

A revista garante a acessibilidade permanente dos objectos digitais através de cópias de segurança, utilização de DOI, integrando a rede Public Knowledge Project's Private LOCKSS Network (PKP-PLN), que gera um sistema de arquivo descentralizado.

Relativamente ao auto-arquivo, a revista integra também o Sherpa/Romeu

(<https://v2.sherpa.ac.uk/id/publication/41841>).

Política de acesso aberto

Esta edição disponibiliza de imediato e gratuitamente a totalidade dos seus conteúdos, em acesso aberto, de forma a promover, globalmente, a circulação e intercâmbio dos resultados da investigação científica e do conhecimento. A edição segue as directrizes Creative Commons (licença CC/BY/NC/ND 4.0).

A publicação de textos na Ophiussa – Revista do Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa não implica o pagamento de qualquer taxa nem dá direito a qualquer remuneração económica.

Esta publicação dispõe de uma versão impressa, a preto e branco, com uma tiragem limitada, que será distribuída gratuitamente pelas bibliotecas e instituições mais relevantes internacionalmente, e intercambiada com publicações periódicas da mesma especialidade, que serão integradas na Biblioteca da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Conta, paralelamente, com uma versão digital, a cores, disponibilizada em acesso livre.

Para mais informações contactar:

ophiussa@letras.ulisboa.pt

EDITORIAL POLICY

Objectives

Ophiussa – Revista do Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa started under the direction of Victor S. Gonçalves in 1996, with the edition of volume 0. After Volume 1 (2017) it became a printed and digital edition of UNIARQ – Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa (ISSN 1645-653X / E-ISSN 2184-173X).

The main objective of this journal is the publication and dissemination of papers of interest, quality and scientific rigor concerning Prehistory and Archeology, mostly from Europe and the Mediterranean basin.

Periodicity

Ophiussa – Revista do Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa will publish an annual volume. The submission period will always occur in the first quarter of each year and the edition will occur in the last quarter.

Journal sections

The journal is divided into two sections: scientific articles and bibliographic reviews. Exceptionally, texts of an introductory nature may be accepted, in the context of specific tributes or divulgations, which will not be submitted to peer-review evaluation. Exemptions from this evaluation are also the bibliographic reviews.

Authors / editors wishing to submit a book for review should send two copies to the direction of Revista Ophiussa: one to the author of the review who will be invited for the purpose and another to the Library of the School of Arts and Humanities of the University of Lisbon. Spontaneous proposals are also accepted.

Papers written in Portuguese, English, Spanish, Italian and French are accepted.

Peer review process

Submitted articles are subject to a double blind peer-review evaluation process.

All submissions (articles and reviews) will be considered, in the first instance, by the Editorial Board, regarding its formal content and adequacy in face of the editorial policy and the journal editing standards. Articles that meet these requirements will subsequently be submitted to a blind peer-review process (minimum of two reviewers). The Scientific Council, constituted by UNIARQ direction and external researchers, will follow the editing process.

This stage will be carried out by qualified researchers, and their feedback will be delivered within a period of no more than two months. The reviewers will carry out the evaluation in an objective manner, in view of the quality and content of the journal; their criticisms, suggestions and comments will be, as far as possible, constructive, respecting the intellectual abilities of the author(s). After receiving the feedback, the author(s) has a maximum period of one month to make the necessary changes and resubmit the work.

Acceptance or refusal of articles will have as sole factors of consideration their originality and scientific quality.

The review process is confidential, with the anonymity of the evaluators and authors of the works being ensured, in the latter case, up to the date of its publication.

Papers will only be accepted for publication as soon as the peer review process is completed. Texts that are not accepted will be returned to their authors.

The list of reviewers will be published in 3-year cycles, indicated at the end of *Ophiussa* (printed and digital version).

Publication ethics

The Journal *Ophiussa* follows the guidelines established by the Committee on Publication Ethics (COPE, the Ethics Committee Publications): <https://publicationethics.org/>

Only original papers will be published. For the purpose of detecting plagiarism or duplicity, the URKUNDU platform (<https://www.orkund.com/pt-br/>) will be used. Practices such as the deformation or invention of data will be rejected. Authors are responsible for ensuring that the works are original and unpublished, the result of the consensus of all authors, and comply with current legality, having all necessary authorizations. Articles that do not comply with these ethical standards will be rejected.

Contributions submitted for publication must be unpublished. Article submissions can not include any problem of forgery or plagiarism. Illustrations that are not from the author(s) must indicate their origin. The Scientific Council and Editorial Board assume that the authors have requested and received permission to reproduce these illustrations and, as such, reject the responsibility for the unauthorized use of the illustrations and legal consequences for infringement of intellectual property rights.

It is assumed that all Authors have made a relevant contribution to the reported research and agree with the manuscript submitted. Authors must clearly state any conflicts of interest. Collaborations submitted that directly or indirectly had the financial support of third parties must clearly state these sources of funding.

Texts proposed for publication must be unpublished and should not have been submitted to any other journal or electronic edition.

The content of the works is entirely the responsibility of the author(s) and does not express the position or opinion of the Scientific Council or Editorial Board.

The editorial process will be conducted objectively, impartially and anonymously. Errors or problems detected after publication will be investigated and, if proven, corrections, retractions and / or responses will be published.

The following ethical principles will be considered:

1) RESPONSIBILITY:

Ophiussa through its editors and authors has the absolute responsibility for approval, condemning all bad practices of scientific publication.

2) SCIENTIFIC FRAUD

Ophiussa will seek to detect manipulation and falsification of data, plagiarism or duplicity, with the appropriate detection mechanisms.

3) Editorial policy and procedures:

a) Authors must have participated in the research process and in the review process, and must ensure that the data included is real and authentic and are obliged to issue retractions and corrections of errors of published articles;

b) Reviewers must carry out an objective and confidential review and have no conflicts of interest (research, authors or funders), and must indicate relevant published works that were not cited;

c) In the detection of fraud or malpractice in the evaluation phase, it must be indicated by the reviewers and in the post-publication phase by any reader.

d) In case of detection of bad practices in the evaluation phase or of detection of previously published articles, the Editorial Board will send the occurrence to the author, establishing a period of 7 days for clarification, which will be subsequently evaluated by the Editorial Board. In the post-publication phase, the Editorial Board may file or determine the retraction in a subsequent issue, indicating the previous procedures.

Digital file preservation policy

The journal guarantees the permanent accessibility of digital objects through backup copies and use of DOI, integrating the Public Knowledge Project's Private LOCKSS Network (PKP-PLN), which generates a decentralized file system.

Regarding the self-archiving, the magazine also includes Sherpa/Romeu (<https://v2.sherpa.ac.uk/id/publication/41841>).

Open access policy

This edition immediately and freely provides all of its content, in open access, in order to promote global circulation and exchange of scientific research and knowledge. It follows Creative Commons guidelines (license CC/BY/NC/ND 4.0).

The publication of texts in *Ophiussa* – Revista do Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa does not imply the payment of any fee nor does it entitle to any economic remuneration.

This publication has a limited printed edition in black and white, which will be distributed free of charge by the most relevant international libraries and institutions, and exchanged with periodicals of the same specialty, which will be integrated in the Library of School of Arts and Humanities of the University of Lisbon. It also has a digital version, in color, available in open access.

For more information contact:
ophiussa@letras.ulisboa.pt

ÍNDICE

Pequenos sítios, objectos perdidos, artefactos sem contexto. 3. O «ídolo cilíndrico» de Ervidel (Herdade da Cariola) VICTOR S. GONÇALVES	5
<i>Heads & tails: Bell Beakers and the cultural role of Montejunto Mountain (Portugal) during the second half of the 3rd millennium BC</i> ANA CATARINA BASÍLIO	23
O conjunto faunístico do Cerro dos Castelos de São Brás (Serpa, Portugal) no 3.º milénio a.n.e.: entre a <i>antroposfera</i> e a <i>zoosfera</i> FREDERICO AGOSTO	43
The materialization of an iconography: a LBA/EIA metallic representation of an “anchoriform” or “anchor idol” (?) from the Fraga dos Corvos habitat site (Eastern Trás-os-Montes, Portugal) JOÃO CARLOS SENNA-MARTINEZ, ELSA LUÍS, CARLOS MENDES, PEDRO VALÉRIO, MARIA DE FÁTIMA ARAÚJO, ANTÓNIO M. MONGE SOARES	69
A necrópole do Cerro do Ouro (Ourique): reflexões sobre os enterramentos em urna nas necrópoles tumulares do Baixo Alentejo FRANCISCO B. GOMES	85
O sítio arqueológico de Arruelas (Maiorca, Figueira da Foz, Portugal) no contexto da Conquista Romana do Ocidente Peninsular FLÁVIO IMPERIAL	105
A importação de ânforas do Tipo <i>Urceus</i> em Monte dos Castelinhos, Vila Franca de Xira JOÃO PIMENTA, HENRIQUE MENDES	127
<i>Traianeum de Italica</i> . Campaña arqueológica 2016/2017 SEBASTIÁN VARGAS-VÁZQUEZ	143
El asentamiento rural romano de la Venta El Parrao (Alcalá de Guadaíra, España): Nuevos datos arqueológicos LUIS-GETHSEMANÍ PÉREZ-AGUILAR, SALVADOR ORDÓÑEZ AGULLA	163
A ocupação romana da Lezíria (Castro Marim, Portugal) ANA MARGARIDA ARRUDA, MARGARIDA RODRIGUES	187
Os recursos animais no Noroeste da Lusitânia do período republicano à Antiguidade Tardia (Séculos II a.C. - VII d.C.): Uma perspectiva a partir das evidências zooarqueológicas do centro de Portugal PATRÍCIA ALEIXO, GIL VILARINHO	209
Recensões bibliográficas (TEXTOS: FREDERICO AGOSTO, ANA MARGARIDA ARRUDA)	231
<i>In memoriam</i>	243
Política editorial	246
Editorial policy	247